

FERNANDO MORAIS
OLGA



Sobre a digitalização desta obra:

Esta obra foi digitalizada para proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.

A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

[Distribua este livro livremente!](#)

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

[Incentive o autor e a publicação de novas obras!](#)

Sobre o autor

Dedicatória

Apresentação

Berlim, Alemanha abril de 1928

Buenos Aires, Argentina abril de 1928

1. Na "Fortaleza Vermelha"
2. Frieda Behrendt é presa
3. A sua frente, o "Cavaleiro da Esperança"
4. Lua-de-mel em Nova York
5. Do mundo inteiro, rumo ao Rio
6. Começa a conspiração
7. "A Revolução está nas ruas"
8. Um espião entre os comunistas
9. "Mister" Xanthaky entra em cena
10. "Miranda" e Ghioldi vão falar
11. Diante de Filinto, um nome: Olga de tal
12. A polícia suicida Barron
13. O embaixador do Brasil na Gestapo
14. Uma "estrangeira nociva"
15. Rebelião na "Praça Vermelha "
16. Nos porões da Gestapo
17. Dona Leocádia enfrenta a Gestapo
18. Com "Sabo ", na fortaleza nazi
19. Escravidão em Ravensbrück
20. A caminho da morte

São Paulo, Brasil julho de 1945

Epílogo

Depoimentos tomados pelo autor

Fontes pesquisadas

Bibliografia

Índice onomástico

Sobre o autor:

Fernando Morais tem 39 anos e nasceu em Mariana, Minas Gerais. Começou a trabalhar aos 13 anos, em um jornal de bairro, em Belo Horizonte, e um ano depois, já profissionalmente, era redator de um "house orgati" local. Em 1965 mudou-se para São Paulo, onde foi colaborador; repórter, redator, repórter especial, chefe de reportagem e editor, até 1978, das seguintes publicações:

A Gazeta, Jornal da Tarde, Suplemento Feminino de O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, TV Cultura, Bondinha, EX, Opinião, Movimento, Versus, Siatus, Playboy, Visão, Aqui São Paulo, Repórter Três e Veja. Junto com Ricardo Gontijo ganhou o Prêmio Esso de Reportagem de 1970, com a série "Transamazônica", publicada pelo Jornal da Tarde (depois transformada em livro pela Editora Brasiliense). Recebeu duas vezes o Prêmio Abril de Jornalismo: em 1976 na revista Veja, pela cobertura das eleições municipais daquele ano; em 1978 com uma reportagem publicada em Playboy sobre a infiltração de espiões cubanos na CIA. Além de Transamazônica, escreveu A

Ilha, Socos na Porta, Não às usinas nucleares e Primeira Página (estes editados pela Editora Alfa-Omega). A Ilha foi editado, além do Brasil, na Alemanha, Porto Rico, México, Argentina, Espanha e Venezuela, e já vendeu até agora mais de 250 mil exemplares. Em 1978 foi eleito deputado estadual pelo MDB e em 1982 foi reeleito pelo PMDB. E candidato à Assembléia Nacional Constituinte como deputado federal. Fernando Morais é divorciado e tem uma filha, chamada Rita.

Apresentação

A reportagem que você vai ler agora relata fatos que aconteceram exatamente como estão descritos neste livro; a vida de Olga Benario Prestes, uma história que me fascina e atormenta desde a adolescência, quando ouvia meu pai referir-se a Fílinto Müller como o homem que tinha dado a Hitler, "de presente", a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses. Perseguido por essa imagem, decidi que algum dia escreveria sobre Olga, projeto que guardei com avareza durante os anos negros do terrorismo de estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura.

Logo que iniciei a investigação para escrever este livro, há quase três anos, percebi que as dificuldades para recompor o retrato de Olga seriam muito maiores do que supunha. No Brasil não havia praticamente nada sobre o personagem - e surpreendi-me a descobrir que até mesmo a historiografia oficial do movimento operário brasileiro, produzida por partidos ou pesquisadores marxistas, relegara invariavelmente a ela o papel subalterno de "mulher de Prestes" - e nada mais do que isto. Em tudo o que pude ler não encontrei mais do que alguns parágrafos vagos e superficiais. A esta circunstância se somava outro obstáculo: se estivesse viva, Olga teria hoje 77 anos - e como sua militância política se deu muito precocemente, a maioria dos personagens que conviveram com ela estavam mortos. Os poucos sobreviventes que testemunharam sua saga - na Alemanha ou no Brasil - eram, no mínimo, octogenários, nem todos com memória ou condições de saúde para desenterrar detalhes de episódios acontecidos há pelo menos meio século.

Minha primeira e óbvia investida foi sobre Luís Carlos Prestes. As tardes de sábado que lhe roubei no Rio de Janeiro produziram páginas e páginas de preciosas informações, muitas delas inéditas. E ao lutar para romper a barreira que ele se impunha para evitar falar de questões pessoais, muitas vezes me comovi ao perceber que o rígido comunista que transmitia a imagem de um homem de aço não escondia sua emoção ao revelar minúcias da personalidade de sua falecida mulher ou rememorar passagens da curta e emocionante vida em comum que tiveram. Dono de memória prodigiosa, Prestes foi capaz de reviver com precisão a hora de um embarque ou as exatas palavras de um diálogo ocorrido há cinquenta anos. Foram poucos os casos de informações dadas por ele que, compulsadas com processos e documentos oficiais da época, resultaram incorretas. Dos rolos de fita gravada de seus depoimentos surgiram novos fatos e personagens da revolta comunista de 1935, em cuja busca parti em seguida. Simultaneamente o jovem advogado e bibliófilo Antonio Sérgio Ribeiro (um dos maiores estudiosos de Carmem Miranda em nosso país) vasculhava coleções de jornais e revistas da época.

O passo seguinte envolveu uma viagem à República Democrática Alemã, onde, ao contrário do que ocorrera no Brasil, localizei um verdadeiro tesouro. Heroína nacional

cujo nome batiza dezenas de escolas e fábricas, Olga teve sua memória carinhosamente preservada pelos comunistas de sua terra. Nos arquivos do Instituto de Marxismo-Leninismo, no Comitê de Resistentes Antifascistas ou nos pequenos museus montados no campo de concentração de Ravensbrück e no campo de extermínio de Bernburg (ambos preservados tais como foram encontrados pelas tropas aliadas), obtive cópias de todos os documentos e fotografias referentes a Olga Benario. Com a preciosa ajuda de Alexandre Fischer e Katharina Schneider, intérpretes destacados pelo governo da RDA para auxiliar-me na pesquisa, não só selecionei e reproduzi todo o material disponível, como entrevistei creio que todos os velhos militantes que tinham convivido com Olga na Juventude Comunista, nos anos 20 e, uma década depois, nas prisões e campos de concentração nazistas.

Não me esquecerei jamais das lágrimas que a entrevista arrancou dos olhos de Gabor Lewin, já velhinho, em cuja casa esvaziamos juntos, a dez graus abaixo de zero, uma garrafa de conhaque francês. Quando perguntei se se confirmava a lenda de que Olga despertava paixões fulminantes em seus companheiros da Juventude Comunista, Lewin pôs-se a chorar. Foi Herta, sua mulher velhinha como ele, quem desfez meu desconforto ao dizer, sorridente: "Olga foi a grande paixão da vida do Gabor".

No modesto apartamento de Ruth Werner, tenente coronel honorária do Exército Vermelho Soviético e uma das maiores escritoras alemãs, obtive cópias de depoimentos que ela tomara no fim dos anos 50 de sobreviventes de Neukölln, Barnimstrasse, Lichtenburg e Ravensbrück (muitos dos quais já faleceram) e não utilizara integralmente em seu livro "Olga Benario".

Meu trabalho em Berlim Oriental teria sido infinitamente mais difícil sem a ajuda do jovem ítalo-germano-brasileiro Dario Canale (que eu havia entrevistado em 1967 no Brasil, quando ele esteve preso nos xadrezes da Polícia Federal sob a acusação de "subversão"). Dario ajudou-me na busca e seleção de material sobre Olga e Otto Braun, levou-me a conhecer a prisão de Moabit em Berlim Ocidental, e acabou por obrigar sua sogra Elfriede Brüning, a convidar suas amigas, militantes comunistas desde o começo do século, para jantares em sua casa, onde eu as esperava de gravador na mão.

Além dos documentos obtidos, as entrevistas feitas por mim na República Democrática Alemã com pessoas que conviveram com Olga sob o nazismo foram valiosíssimas para a reconstituição de sua passagem pelo Brasil.

Durante os anos que passou em Barnimstrasse, Lichtenburg e Ravensbrück, ela contou com pormenores às companheiras de prisão sua experiência brasileira: a paixão por Prestes, o deslumbramento com o Brasil, a expectativa seguida da frustração com a revolta fracassada, a emoção que lhe provocara a solidariedade dos companheiros no presídio da rua Frei Caneca, no Rio.

Como sua passagem pelo Brasil se tornara, para mim, a parte mais obscura da investigação, pressionei os amigos de Olga em Berlim até a irritação com perguntas sobre cada momento de seus 17 meses no Rio de Janeiro - e em alguns casos obtive depoimentos torrenciais.

De Berlim parti para Milão, onde dei tempo integral no "Archivio Storico del Movimento Operaio Brasiliano" (mantido pela Fundação Giangiacomo Feltrinelli e guardado pelas unhas e os dentes de José Luís del Roio), onde está depositada boa parte da memória operária e comunista brasileira. As entrevistas e investigações feitas na Europa e no Brasil remetiam-me a outros endereços: o National Archives e os arquivos do Departamento de Estado, em Washington - e o primeiro recesso parlamentar disponível foi dedicado às pesquisas nos Estados Unidos. Com a ajuda de Ralph Waddey, funcionário anglo-baiano do Departamento de Estado, e abusando da

infindável paciência de Richard Gould diretor do Departamento Legislativo e Diplomático do National Archives, fiz um fascinante mergulho na papelada que me custou a modesta quantia de 50 centavos de dólar cada cópia xerográfica: além de incontáveis documentos secretos referentes à vida de meus personagens, havia material abundante sobre a repressão à revolta comunista de 1935 no Brasil. Ironicamente eu iria encontrar, no coração de Washington, relatos copiosos sobre as torturas infligidas pela polícia brasileira ao dirigente comunista alemão Arthur Ewert, pistas indiscutíveis sobre a ação de espiões na direção comunista e detalhes sobre o desmantelamento da revolta de 1935 - tudo isto escrito por um agente do governo norte-americano. Para meu espanto, pude ver depositados em Washington (e disponíveis a 50 cents) documentos internos do PC brasileiro desconhecidos aqui e que tinham sido misteriosamente baldeados para os Estados Unidos.

De volta ao Brasil, retomei as entrevistas, revi datas e dados com Luís Carlos Prestes e com outros entrevistados e continuei à cata de sobreviventes de 1935 que pudessem dar depoimentos ou, pelo menos ajudar-me a conferir as informações de que dispunha. Foi nessa época que me lembrei de uma frase de um antigo chefe de reportagem, que costumava dizer que "ao repórter, como ao goleiro, não basta trabalhar direito - é preciso ter sorte". Eu tive, e muita. Foram meros golpes de sorte, por exemplo, que levaram-me a dois personagens desta história, Tuba Schor e Celestino Paraventi. Ela eu descobri casualmente: seu filho Nelson foi o médico que realizou o parto de minha ex-mulher, quando nasceu Rita, minha filha - e ao saber que eu escrevia sobre a vida de Olga, colocou-me em contato com a mãe. Quanto a Paraventi, foi ele quem me descobriu: ao assistir uma entrevista que eu dera ao repórter Ney Gonçalves Dias, na TV Manchete, sobre o livro em curso, ele procurou seu sobrinho José Gregori, meu colega de bancada na Assembléia Legislativa, para oferecer-me seu delicioso depoimento sobre a passagem de Olga por São Paulo.

No Rio de Janeiro, o fotógrafo e pesquisador Paulo César de Azevedo, que já vinha colaborando com o meu trabalho através de pesquisas em arquivos públicos decidiu requerer oficialmente ao Ministério das Relações Exteriores autorização para consulta a documentos reservados referentes à deportação de Olga. Um ano de espera e de reiteradas reclamações, entretanto, não foram suficientes para que as portas da burocracia do Itamaraty se abrissem. Eu já havia recebido do professor Ricardo Maranhão cópias de documentos que comprovavam o comprometimento de diplomatas brasileiros com a Gestapo, mas senti-me no direito de obter, oficialmente, toda a correspondência sobre o assunto. Foi preciso que interviesse pessoalmente na demanda o próprio chanceler Ramiro Saraiva Guerreiro para que eu pudesse receber, ainda que previamente censurado, o material solicitado. Ao contrário do que ocorrera no Itamaraty até a intervenção de Saraiva Guerreiro, obtive do Superior Tribunal Militar todas as facilidades para pesquisar nos seus arquivos. A partir da intermediação de seu sobrinho e meu velho amigo Flávio Bierrenbach, o almirante de esquadra Júlio de Sá Bierrenbach, presidente do STM, determinou que se liberasse rigorosamente tudo o que havia nos arquivos do Tribunal sobre a revolta de 1935, incluindo aí documentação inédita, que se encontrava lacrada desde o encerramento do processo n.º 1 do Tribunal de Segurança Nacional. Vladimir Sacchetta, meu grande colaborador na parte brasileira deste livro, passou uma semana em Brasília vasculhando 70 volumes para selecionar centenas de documentos e ilustrações que, dias depois, seriam fotografados e reproduzidos por Paulo César de Azevedo. Sacchetta, além disso, já me franqueara o arquivo de seu pai, Hermínio Sacchetta, e toda a documentação sobre o tema que havia recolhido em Londres, no Public Record Office.

A leitura de toda essa papelada me obrigaria a uma nova viagem, desta vez a Buenos Aires, onde a boa vontade do correspondente da revista Veja, Tosé Meirelles Passos, aproximou-me de Rodolfo Ghioldi, o velho dirigente do PC argentino e do Comintern. Apesar de devastado por um enfisema pulmonar que quase o impedia de falar (e que o mataria meses depois), Ghioldi recebeu-me em companhia de sua mulher, Carmen, para cinco horas de entrevista gravada, ao fim das quais presenteou-me com uma verdadeira relíquia que guardava no fundo de um cofre: um envelope contendo fotografias inéditas, feitas no Brasil em 1935.

A falta de dinheiro e de tempo para empreender novas viagens obrigou-me a utilizar o correio e o telefone internacional para conferir dados ou buscar novas informações - foi assim que recorri ao professor Boris Koval, do Instituto do Movimento Operário, em Moscou, ao Memorial Yad Vashem, em Israel, e, por mais duas vezes, a Richard Gould, do National Archives. Simultaneamente, minha conta de telefone engordava com interurbanos dados a vários pontos do país para reconfirmar datas e dados ou mesmo para buscar a exata precisão das palavras usadas num determinado diálogo. A tudo isto acrescentei documentos que chegavam às minhas mãos, remetidos por anônimos militantes comunistas de vários pontos do país, que, alertados por notas de jornais ou notícias de televisão sobre meu trabalho, generosamente tomavam a iniciativa de procurar-me, interessados não só em ajudar-me, mas em enriquecer a verdadeira arqueologia em que me meti para reconstituir com a maior fidelidade possível esta história de amor e de intolerância.

Este livro não é a minha versão sobre a vida de Olga Benario ou sobre a revolta comunista de 1935, mas aquela que acredito ser a versão real desses episódios. Não vai impressa aqui uma só informação que não tenha sido submetida ao crivo possível da confirmação. Qualquer incorreção que for localizada ao longo desta história, entretanto, deve ser debitada exclusivamente à minha impossibilidade de confrontá-la com versões diferentes.

E certamente haverá incorreções, até porque eu próprio cheguei a avançar investigações a partir de versões aparentemente verdadeiras, mas que depois seriam desmentidas por novas pesquisas ou entrevistas. Um exemplo: tenho em minhas mãos o depoimento de uma sobrevivente de Ravensbrück que jura ter visto Olga ser fuzilada naquele campo de concentração. A segurança das declarações leva-me a crer que ela de fato viu alguma mulher sendo fuzilada lá e supôs tratar-se de Olga. A verdade, no entanto, é que Olga não foi fuzilada em Ravensbrück. Outro exemplo: um eminente historiador brasileiro assegurou-me que Paul Gruber não passou de um personagem de ficção inventado pelo Comintern para confundir os serviços de inteligência capitalistas. De novo, fatos, documentos e testemunhos comprovaram que Gruber não só existiu em carne e osso como jogou um papel importante no desfecho da revolta de 1935. E houve, ainda, situações em que, colocado diante de versões contraditórias sobre determinado episódio, fui levado por investigações e evidências a optar por uma delas. Não apenas como referencial, nesses casos, mas para introduzir-me por inteiro na época em que esta história se passa, recorri à extensa bibliografia que vai ao final deste volume, de importância capital para quem pretenda conhecer melhor essa época. As raras passagens deste livro em que foi necessária a recriação referem-se sempre a cenários de determinados fatos - nunca a fatos em si.

E, ainda assim, a recriação se deu a partir de depoimentos de testemunhas.

Antes de entregar os originais à gráfica, submeti meu trabalho aos olhos de três dos mais brilhantes e impiedosos jornalistas deste país - Luís Weis, Raimundo Rodrigues Pereira e Ricardo Setti - e à mão vigilante de Vladimir Sacchetta, indiscutivelmente uma

das maiores autoridades no estudo da memória do movimento operário brasileiro. E, por fim, recebi a ajuda do talentoso Claudio Marcondes, a quem a Editora Alfa-Omega atribuíra o trabalho de homogeneizar a grafia de palavras e de fazer a preparação do texto que iria para a composição. Claudio acabou por propor alterações essenciais para a clareza deste livro. Roubei deles preciosas horas de trabalho e lazer - e não me arrependi: a partir de suas críticas, observações e objeções, sentei de novo à máquina para corrigir os erros.

Embora a responsabilidade por tudo o que você vai ler agora seja exclusivamente minha. Eu devo este livro à colaboração generosa dos entrevistados (cujos nomes vão relacionados ao final), de cada um dos nomes citados ao longo desta apresentação, e a Abelardo Blanco, Abel Cardoso Júnior, Alberto Dines, Alexandre Lobão, Ali Ahmad, Ana Maria de Castro, Beatriz Sardenberg, Bernd Wüning, Birgit Koyne, Bruno Kiesler, Célia Valente, Christiane Barckhausen Daphne F. Rodger, Dieter Koyne, Edith Heise, Edmond Petit, Eric Nepomuceno, Flávio Kothe, Gerhard Desombre, Giocondo Dias, Heitor Ferreira uma, Herbert R&sser, Horst Brasch, Inês Etienne Romeu, Jamile Salomão, Jasmina Barckhausen, John W. F. Dulles, José Antonio Penteado Vignolli, José Carlos Bruni, José Eduardo de Faro Freire, José Sebastião Witter, Karen Elsab Barbosa, Karl Burkert, Kerry Fraser, Leóncio Martins Rodrigues, Lothar Günther, Lutz Ellrodt, Manoel Moreira, Marco Aurélio Garcia, Marcia Madrigali, Maria Beatriz Paula Dias, Maria da Guia Santiago, Maria Vitória Menezes Camargo, Marisa Teixeira Pinto, Marisa Zanatta, Martina John, Moacir Werneck de Castro, Nicolau Tuma, Pedro Alves de Brito, Peter Skomroch Régis Barbosa, Régis Fratti, Ricardo Gontijo, Ricardo Zarattini, Rita Magalhães Marques, Roberto Braga, Roberto Drumond, Samuel Krakowski, Samuel Soares Sérgio Micelli, Siegfried Ktillner, Silvia Oliva Araújo, Silvio Tandler, Suely Campos Cardoso, Susana Camargo, Tibério Canuto, Vera Maria Tude de Souza, Werner Btinecke e Werner Thiele.

Agosto de 1985

Berlim, Alemanha

Abril de 1928

Tudo aconteceu em menos de um minuto.

Pontualmente às nove horas da manhã de 11 de abril de 1928, o guarda Gunnar Blemke atravessou o salão de audiências revestido de mogno da prisão de Moabit, no centro de Berlim, levando pelo braço, algemado, o professor comunista Otto Braun, de 28 anos. Não que Otto fosse considerado um preso perigoso; as algemas se justificavam por ser um acusado de "alta traição à pátria, encarcerado havia um ano e meio, aguardando julgamento. O guarda caminhou com ele em direção à mesa onde se encontrava o secretário superior de Justiça, Ernst Schmidt, que deveria interrogar Otto Braun. A seu lado, o escrivão Rudolph Nekien lutava para não cochilar sobre a máquina de escrever. Na outra ponta do salão, bem em frente à mesa de Schmidt, um pequeno auditório destinado ao público e aos advogados e isolado por um balaústre de madeira, estava ocupado por meia dúzia de adolescentes, moças e rapazes. "Pensei que fossem estudantes de Direito", diria o guarda mais tarde. Blemke estufou o peito diante da autoridade e anunciou:

- Apresentando o preso Otto Braun.

Nesse instante ele sentiu algo duro encostado em sua nuca. Virou a cabeça e viu uma pistola negra apontada contra seu rosto por uma linda moça de cabelos escuros e olhos azuis, que exigiu com voz firme:

- Solte o preso!

No auditório, os jovens dividiram-se em dois grupos e se atiraram sobre o secretário Schmidt e o escrivão Nekien, que foi derrubado com violência. Schmidt deu um salto, conseguiu bater a ponta do sapato sobre o botão de alarme instalado no chão - e recebeu uma coronhada no rosto, dada por um garoto enorme, de barba ruiva e cabelo escorrido até quase os ombros. A jovem de olhos azuis que comandava o grupo mantinha a pistola apontada para a cabeça do guarda. Depois de desarmá-lo, caminhou de costas em direção à porta, cobrindo o preso com seu corpo e gritando para seus companheiros:

- Para a rua! Para a rua! Quem se mexer leva chumbo!

O guarda e os dois funcionários foram colocados de cara contra a parede. Com gestos rápidos, a moça mandou que o grupo saísse. O bando já disparava rumo ao portão principal, levando o preso para a calçada, quando seu último grito ecoou na sala:

- O primeiro a se mover leva chumbo!

E sumiu pelo corredor. Ao saltar os degraus da escada na porta da prisão, o grupo se dispersou, cada um fugindo por uma rua diferente. A jovem guardou a pistola na sacola de lã a tiracolo e atravessou correndo o parque Fritz-Schloss para, no outro extremo ao lado de um ginásio de esportes, atirar-se num pequeno furgão verde que a esperava de portas abertas. À direção ia um jovem narigudo e atrás, sentado no fundo da carroceria e com as mãos ainda algemadas, estava Otto Braun, encolhido e assustado.

O calhambeque ameaçava desmontar pelas ruas de Berlim. Agora precisavam sair das imediações da prisão, cujas sirenes de alarme podiam ser ouvidas a quarteirões.

O carro tomou o rumo sul da cidade. Evitando as ruas mais movimentadas, margeou o pequeno cemitério Blücher e cruzou o canal Schiffarts. Quando entrou no bairro de Neukölln, a moça, Otto e o narigudo puderam afinal respirar aliviados. Em Neukölln estavam em casa.

Na hora do almoço, uma edição extra do diário Bertiner Zeitung am Mittag já dava detalhes, sob escandalosa manchete, do que chamava de "ousada cena de faroeste" ocorrida de manhã em Moabit. O jornal anunciava em primeira mão o nome da linda jovem que comandara "o assalto comunista": Olga Benario.

- "Ousada cena..."

A noite, no pequeno apartamento que a Juventude Comunista conseguira na rua Zieten para escondê-los, ao lado de seu namorado Otto Braun, Olga lia e relia o noticiário dos jornais e parava sempre na mesma expressão.

De fato, ousadia era o único substantivo capaz de traduzir não apenas o que havia feito naquela manhã, mas o sentimento que movia a maioria dos adolescentes comunistas do bairro operário de Neukölln. Olhando para a rua através das cortinas do quarto à meia-luz, ela contemplava mais uma manifestação desse estado de espírito. Meia hora antes as tropas da polícia haviam percorrido a região, colando nos postes e muros o enorme cartaz que o promotor superior de Justiça da Alemanha mandara imprimir às pressas, oferecendo a recompensa de 5 mil marcos a quem desse informações sobre o paradeiro do escritor Otto Bran e da datilógrafa Olga Benario. Agora ela podia ver lá embaixo, na rua, o nanico Gabor Lewin e a agitada Emmy Handke, seus companheiros, arrancando todos os cartazes.

Que outro nome dar, senão ousadia, para o que acontecia a poucas quadras dali, no salão dos fundos da cervejaria Müller? Indiferentes ao cerco que a polícia montara em

Neukölln para apanhar os dois, os militantes do Rot Front, a "Frente Vermelha" da Juventude Comunista, decidiram fazer um ato político para comemorar a libertação de Braun. A primeira a falar foi uma garota de trancinhas. As centenas de pessoas que se aglomeravam no salão - moças, rapazes, velhos operários com suas mulheres e crianças de colo - ela comunicou que todos os envolvidos na libertação de Braun estavam em segurança, e arrancou aplausos demorados quando revelou que a ação fora realizada com armas descarregadas.

- Não tínhamos a intenção de ferir ninguém. .. Se houvesse alguma reação por parte dos fascistas de Moabit, certamente a esta hora estaríamos pensando em libertar, além do professor Braun, nossos companheiros que invadiram a prisão. A verdade é que um bando de garotos com armas descarregadas colocou de joelhos os fascistas que mantêm na prisão milhares de trabalhadores alemães . . .

As onze horas da noite, uma tropa de choque invadiu a cervejaria Müller e evacuou o salão a golpes de cassetete. De seu quarto, Olga podia ver o alvoroço que a escaramuça provocou na rua Zieten. Ao seu lado, Otto dormia, indiferente à excitação que tomava conta da companheira.

O noticiário do rádio ligado em volume quase inaudível aumentou a insônia da moça: todos os programas da madrugada comentavam o fato do dia - a invasão da prisão de Moabit. Mas tanto os jornais como o rádio transmitiam uma certeza tranquilizadora: de todos os participantes da ação, só ela fora identificada pela polícia.

Sobre os outros havia, no máximo, vagas descrições físicas. Assim, Rudi König era apresentado como "um moreno forte, de cabelo escovinha, que agarrou o escrivão pela garganta"; Margot Ring era "uma ruiva gordinha, de 15 anos no máximo"; aquele que as testemunhas identificavam como "o grandalhão de cabelos longos que deu a coronhada na cabeça do secretário da Justiça era o doce Erich Jazosch; um funcionário do tribunal que se encontrava à porta da prisão na hora da fuga descrevera Erik Bombach como "uma criança de um metro e meio de altura, carregando uma pistola em cada mão "; a magrela Klara Seleheim, por causa do cabelo aparado rente, era tratada como "alguém que não sabemos se é uma mocinha ou um rapaz", como dizia um locutor.

Se a polícia desconhecia a identidade daqueles jovens, sobre Olga e Otto sabia tudo. Por isso, as semanas seguintes foram de grande tensão para os dois. O cerco policial apertava e, por maior que fosse a solidariedade das famílias operárias de Neukölln, aumentavam também os riscos de prisão. Pacatas casas de metalúrgicos e padeiros eram transformadas em aparelhos para que os jovens pudessem esconder-se por quatro, cinco dias. A segurança deles ficou a cargo do Departamento de Ordem, uma seção geheim - secreta - e semi-militarizada da Juventude Comunista. Experimentados em proteger a organização contra ataques terroristas de direita ou da polícia, o Departamento de Ordem funcionava como uma célula clandestina dentro da Juventude Comunista legal. Eram seus membros que se encarregavam de arranjar sempre novos aparelhos e de transferir Olga e Otto de uma casa para outra, quando pressentiam a aproximação da polícia.

As sessões de cinema em Berlim passaram a ser precedidas, assim que as luzes se apagavam, da exibição de um slide reproduzindo o cartaz com as fotos de Olga e Otto e a oferta de mil marcos a quem informasse sobre o paradeiro deles. O público, invariavelmente, explodia em aplausos para os dois jovens - e, invariavelmente, acendiam-se as luzes e o cinema era ocupado por grupos de policiais armados. Quando a escuridão retornava, começavam as vaias, os assovios e as bolas de papel voando.

O que mais intrigava a polícia é que ninguém apareceu para candidatar-se a uma recompensa equivalente a dois anos de salário de um trabalhador.

Nos primeiros dias de julho, o juiz Franz Vogt, do Supremo Tribunal Federal, convocou a imprensa em seu gabinete - ao lado do salão de audiências que havia sido invadido três meses antes - para apresentar um novo cartaz comunicado, assinado pelo promotor superior de Justiça da Alemanha. Nele, o Poder Judiciário retirava a recompensa de 5 mil marcos, "pois, segundo informações fornecidas pela polícia, as citada pessoas conseguiram fugir, dirigindo-se para o exterior".

Desta vez a polícia acertara: dias antes, Olga e Otto haviam viajado de carro, acompanhados por membros do Departamento de Ordem da Juventude, até a cidade de Stettin, na fronteira com a Polônia. De lá embarcaram num trem rumo a Moscou. No momento em que o juiz Vogt recebia os repórteres em Berlim, o casal encontrava-se dentro de um trem, na fronteira da Polônia com a Rússia, exibindo passaportes falsos a um jovem soldado russo de traços orientais, que ostentava um capacete branco com a estrela vermelha. Emocionada por estar "entrando em território proletário", Olga não resistiu à tentação de um aceno carinhoso para aquele "soldado do povo". Para sua decepção, o soldado fingiu que não viu.

O trem arrancou lentamente em direção a Moscou.

Buenos Aires, Argentina

Abril de 1928

Após duas semanas montado no lombo de um boi, atravessando o pantanoso Chaco paraguaio, o capitão Luís Carlos Prestes, de 30 anos, aproximava-se em uma balsa do porto de Buenos Aires. Miúdo, com menos de 1 60 m, os doze meses que acabara de passar na cidadezinha de La Gaiba, no Oeste boliviano, haviam deixado Prestes com péssima aparência. A barba longa e cerrada escondia o rosto magro, de maçãs saltadas, ainda ressentido de repetidas crises de impaludismo. A chegada à capital por tenha marcava decididamente o fim de uma aventura que ficaria gravada para sempre na história do seu país, o Brasil.

Um ano antes, levando nos ombros a divisa de general revolucionário, e tendo ao lado seu companheiro de epopéia, o general Miguel Costa Prestes conduzira até o exílio boliviano sua tropa de 620 homens. Lá entregara seu arsenal ao major Carmona Rodó, representante do governo de La Paz: 90 fuzis Mauser quatro metralhadoras pesadas (uma das quais inutilizada) dois fuzis-metralhadoras descalibrados e cerca de 8 mil balas. Com a deposição voluntária das armas, lavrada numa pequena ata subscrita pelo major boliviano e os dois militares brasileiros, chegava ao fim uma campanha de dois anos e seis meses de duração, em que foram percorridos, a pé ou em lombo de burro, nada menos que 25 mil quilômetros através de doze estados brasileiros. Embora exilados e desarmados, todos, sem exceção, sabiam que entravam para a História de cabeça erguida. Ao cabo da jornada, aquele exército de esfarrapados ficara conhecido em todo o continente como "a invicta Coluna Prestes" - o contingente rebelde que afrontara as tropas bem armadas e os generais do presidente Artur Bernardes sem sofrer uma única derrota. Para as centenas de milhares de brasileiros que com ela travaram contato direto ou que dela tiveram notícia, seu chefe, o general Luís Carlos Prestes, era o "Cavaleiro da Esperança".

O mineiro Artur da Silva Bernardes tomara posse na Presidência da República em 1922 sob Estado de Sítio provocado pelo levante militar do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, conhecido como "Os dezoito do Forte" - e sob Estado de Sítio governaria

durante os quatro anos de seu mandato. Extremamente autoritário, Bernardes afastou do poder as oligarquias descontentes, decretou a intervenção federal nos Estados da Bahia e do Rio de Janeiro, e seu relacionamento difícil com a corporação militar acabou por gerar conspirações que explodiram durante todo o seu governo. A repressão aos movimentos rebeldes quase sempre era pretexto para adoção de medidas autoritárias de caráter geral - como a duríssima Lei de Imprensa assinada em novembro de 1923 conhecida como "Lei Infame" - que alingiam as Liberdades democráticas como um todo.

Foi nesse clima que surgiu a Coluna - embora Prestes, pessoalmente, não a tivesse visto nascer. Quando o general Isidoro Dias Lopes e o então major Miguel Costa levantaram suas tropas em São Paulo, no dia 5 de julho de 1924, ele servia como capitão engenheiro no Batalhão Ferroviário de Santo Angelo, cidadezinha do Rio Grande do Sul próxima à fronteira com o Uruguai. Os dois militares paulistas pretendiam marchar contra a capital federal - então no Rio de Janeiro -, buscar apoio entre os militares das guarnições cariocas e depor o governo Bernardes. Acuados em São Paulo por tropas federais, os dois seguem para o Sul à frente de 2 mil homens, em direção a Foz do Iguaçu, no Paraná. Pela madrugada de 28 para 29 de outubro, o capitão Prestes deixa um curto bilhete despedindo-se da mãe, dona Leocádia, e comanda a insurreição do Batalhão Ferroviário de Santo Angelo em apoio aos revoltosos paulistas, articulando rebelião simultânea no 3^o Regimento de Cavalaria da cidade de São Luís, a 80 quilômetros de distância.

Alertado a tempo, o governo consegue apagar parte do rastilho que se espalhava pelo estado e aborta os levantes dos quartéis de Uruguaiana, Alegrete e Cachoeira, frustrando o plano de Prestes de tomar todo o Rio Grande do Sul. Seguindo então para São Luís, Prestes ali instala seu quartel-general. Em seguida ocupa as cidades de São Nicolau, Santo Angelo, Santiago do Boqueirão e São Borja. Ao contabilizar armas e homens, ele se dá conta da fragilidade militar dos rebeldes: não passam de 1500, entre civis e militares. As armas sequer são suficientes para a metade dos combatentes: 800 fuzis Mauser e uns poucos fuzis-metralhadoras. Para enfrentá-los já estavam a caminho de São Luís as tropas do governo: 14 mil soldados, treinados e bem armados.

A desigualdade de forças provoca a primeira manifestação do gênio militar que seria a marca de Prestes ao longo dos dois anos seguintes. Ele faz chegar aos ouvidos do inimigo a notícia de que concentraria suas forças em São Luís, ao mesmo tempo em que começa a despachar a tropa rumo ao norte. Quando os efetivos oficiais tomam a cidade, não há mais um só rebelde no lugar: Prestes estava com seus homens a 200 quilômetros de distância, vadeando as matas do rio Uruguai. Para chegar a Foz do Iguaçu, onde pretendia juntar-se aos revoltosos de São Paulo, ele é obrigado a se valer muito mais da astúcia do que da força - sem perder um só homem, consegue infligir consideráveis baixas às forças governamentais apenas com armadilhas e emboscadas. Mesmo em combate, cada tiro disparado por seus comandados tem que ser autorizado por ordem superior, para economizar a munição.

A chegada triunfal de Prestes e seus homens a Foz do Iguaçu, no dia 1 de abril de 1925, dá novo ânimo aos paulistas ali acampados, reduzidos por obra de sucessivas deserções quase à metade do contingente que saíra de São Paulo em 5 de julho. Investidos da patente de general, Luís Carlos Prestes e Miguel Costa juntam suas forças e rompem a pé o sertão brasileiro, na esperança de por fim ao despotismo dos bernardescos - nome com que tratavam os seguidores do presidente da República.

Avançando como podia, a serpente humana ziguezagueava pelo país. Quando conseguiam potrear manadas de cavalos em alguma fazenda, os soldados de Prestes

montavam por algumas semanas, ou meses. Se não encontravam cavalos, seguiam a pé. Se havia comida, comiam - porém, o mais comum era viajarem por dias com pouca água e quase sem comida, sustentando-se com farinha e rapadura. Inúmeras vezes o estoque de remédios da tropa era integralmente utilizado para atender às miseráveis populações encontradas pelo caminho. A tragédia das condições de vida das populações que a Coluna cruzava pelo interior horrorizava os comandantes, ambos nascidos em famílias da classe média: mesmo tendo convivido com a pobreza do Sul, defrontavam-se com um Brasil ainda mais faminto, miserável, atrasado. Ao ver criancinhas arrancando raízes do chão para fazerem a única refeição do dia, Prestes se convenciu ainda mais da necessidade de mudar a face daquele país.

A Coluna engrossava a cada povoado. A rígida disciplina imposta à tropa por Prestes tornava os soldados respeitados pelo povo. Em geral, as primeiras medidas - tomadas após a ocupação de um município eram a libertação dos presos e a queima dos arquivos dos cartórios, onde estavam os documentos que "comprovavam" o monopólio das propriedades da terra pelos latifundiários e a exploração dos direitos dos camponeses. A exceção dos casos de sentenciados por crimes brutais, como estupro seguido de morte, os presos eram postos em liberdade após breve entrevista com os oficiais da Coluna. Contra a vontade de Prestes, um contingente de meia centena de mulheres acompanhava a tropa em sua marcha pelo país.

A pressão da soldadesca vencera e o comandante não conseguiu impedir que elas seguissem. Muitas pariram filhos ao longo da marcha, crianças que haviam sido geradas no começo da jornada.

Apesar da invencibilidade militar, a falta de um programa político claro, propondo algo mais que a derrubada de Artur Bernardes, ia aos poucos minando o moral dos oficiais e soldados. Afinal, haviam se passado quase dois anos e milhares de quilômetros tinham sido percorridos, mas os próprios comandantes, a começar de Prestes sabiam que a Coluna, ainda que vitoriosa, não mudaria as estruturas sociais do Brasil simplesmente derrubando o ditador. Do coração do Nordeste a Coluna desceu em direção ao Sul do Mato Grosso, praticamente repetindo o trajeto inicial da subida. Quando as tropas chegaram a San Mathias, na Bolívia, para depor o que restava das suas armas nas mãos do major Carmona Rod, o caderno de notas de Lourenço Moreira uma - historiador oficial da Coluna - registrava, em números exatos: de São Luís, ao Rio Grande do Sul, até ali, tinham sido vencidas 3.742,5 léguas. Ou seja, 24.947,5 quilômetros.

Nos primeiros meses em território boliviano, Prestes cuidou dos interesses da tropa, repatriando os soldados que desejavam retornar ao Brasil e tratando de conseguir trabalho para os que não queriam ou não podiam voltar.

Marx, Lênin e o triunfo da Revolução Bolchevique no outro lado do mundo, dez anos antes, eram nomes e notícias sem muito significado para o capitão até o dia que, no final de 1927, recebe na cidade boliviana de Puerto Suárez, a poucos quilômetros da fronteira com o Brasil, a visita de Astrojildo Pereira, um dos fundadores, em 1922, do "Partido Comunista - Seção Brasileira da Internacional Comunista", o primeiro nome oficial da organização. As peripécias da Coluna haviam causado grande sensação entre os opositores do governo brasileiro inclusive os comunistas. A bagagem de Astrojildo vai entupida de livros, quase todos em francês, das edições L'Humanité: obras de Marx e Lênin, resoluções da Internacional Comunista, textos de Engels e exemplares avulsos do periódico Correspondance Internationale, editado pelo Comintern, o comando da Internacional Comunista, sediado em Moscou. Depois de dois dias de conversas com Prestes, Astrojildo entrega-lhe os livros e se despede com um dissimulado convite:

- Nesses volumes o senhor encontrará um pouco da ciência que trará as soluções para os

problemas do nosso tempo: o marxismo.

Prestes não assume qualquer compromisso com o Partido. Quer primeiro conhecer a tal ciência - e passa os primeiros meses de 1928 aproveitando o pouco tempo disponível para mergulhar na farta literatura comunista que recebera. Nessa época começa a pensar em sair da Bolívia e tentar destino melhor para seus companheiros.

Acaba decidindo transferir-se para a vizinha Argentina.

Além de ficar mais perto do Rio Grande do Sul - e, portanto, da efervescência política brasileira -, o clima existente no país era mais democrático do que o que se vivia na Bolívia. E, claro, na Argentina mais desenvolvida economicamente, havia melhores ofertas de trabalho para ele e para o que restara de sua tropa. No final do primeiro semestre de 1928 estão todos instalados em Buenos Aires.

Já sem a barba que lhe varria o peito no tempo da Coluna, Prestes torna-se o centro das atenções dos revolucionários de vários países que, de passagem por Buenos Aires, aconselham-se com o mitológico comandante da coluna invicta. Paraguaios, chilenos, uruguaios e bolivianos e - para espanto do dono da casa, da mãe e das quatro irmãs que viviam com ele - até turistas brasileiros apareciam por lá, acompanhados de guias de agências de viagens, para ver o "fenômeno" de perto. A casa era, igualmente, um centro de conspiração de patrícios seus que lutavam para derrubar o governo brasileiro.

Prestes se aproxima e torna-se amigo do jornalista Rodolfo Ghioldi, dirigente do Partido Comunista argentino e do Cornintern. Em uma das muitas reuniões na casa deste, na calle México, em Buenos Aires, fica conhecendo um certo Kleiner, também chamado de Rístico - na verdade, codinome de Augusto Guralsky, enviado especial da III Internacional para contatar na Argentina o capitão brasileiro, cujo trabalho político interessava aos dirigentes soviéticos. Os contatos com o PC brasileiro também se tornam mais frequentes e, em 1929, o prestígio de Prestes no Brasil é tal que o Partido o convida para disputar as eleições à Presidência da República, no ano seguinte. Contudo, ele só aceita discutir o convite se a candidatura resultar de um consenso entre os tenentes da Coluna - e o plano malogra.

Em março de 1930 é eleito o paulista Júlio Prestes para suceder na Presidência a Washington Luís, num pleito típico da República Velha, com voto a descoberto, fraudes e um contingente restritíssimo de eleitores. Mas ele não toma posse. Uma insurreição, que começa de forma espontânea na Paraíba e é conduzida nacionalmente pela Aliança Liberal, leva Getúlio Vargas ao Palácio do Catete. Luís Carlos Prestes sente imediatamente as consequências da mudança no Brasil ao ser preso em Buenos Aires e libertado em seguida. Junto com a mãe e as irmãs exila-se em Montevideu e, da capital uruguaia, pede filiação ao PC. Porém, o Partido que o cortejara meses antes agora o rejeita. A direção do PC brasileiro - que pouco antes havia destituído o secretário-geral Astrojildo Pereira, acusando-o de opor-se ao "obreirismo" proposto pelo Comintern - impede que Prestes seja aceito.

O presidente Getúlio Vargas tenta contactá-lo, oferecendo-lhe a patente de capitão do Exército que lhe fora cassada, mas Prestes rejeita a oferta e recebe de seus tenentes a patente honorária de general. Cada dia mais, ele se convence de que só uma revolução popular poderá mudar os destinos do Brasil. E é com este projeto na cabeça que aceita um convite da III Internacional para mudar-se, com a família, para a União Soviética. Sem barba e sem bigode, trajando um discreto terno cinza e Levando à mão um elegante chapéu de feltro, Luís Carlos Prestes embarca no navio Eubée, que larga do porto de Montevideu, no dia 1 de outubro de 1931, com destino a Moscou.

Na "fortaleza vermelha"

Com os corpos moídos após setenta e duas horas no trem, Olga e Otto chegaram ao hotel Desna, na capital soviética. Ao contrário do Luxo, destinado a receber estrangeiros ilustres que aportavam em Moscou, não havia nenhuma pompa no Desna, que, em compensação, era limpo e discreto. Ao preencher a ficha de entrada, Olga notou que, por curiosa coincidência, exatamente cinco anos antes ela entrara pela primeira vez em uma organização comunista.

Foi no verão de 1923, em Munique, sua cidade natal, poucos meses depois de seu 15º aniversário. A Juventude Comunista havia sido proibida pela polícia e entrara na clandestinidade. Seus militantes - adolescentes de no máximo 18 anos - resolveram então criar o Grupo Schwabing, que se reunia uma vez por semana numa velha serraria nos subúrbios da capital da Baviera. Certa tarde, a reunião é interrompida por barulhos suspeitos do lado de fora. Os encarregados da segurança saem, temendo a chegada da polícia, e deparam com a jovem magrela, alta, de trancinhas escuras, pedindo para fazer parte do Schwabing. Convidada a entrar na serraria, Olga é submetida a uma sabatina pelos líderes do grupo. Quando indagam seu endereço e o nome dos pais, ela responde:

- Sou filha do advogado Leo Benario. Mas não tenho culpa disso.

Para a maioria dos comunistas alemães, não apenas a direita era considerada inimiga. Eles colocavam no mesmo saco e tratavam com o mesmo desprezo os sociais democratas - e o doutor Benario era um social-democrata.

Para os jovens comunistas do Schwabing, filhos de operários, aquela era uma presença inusitada: nunca, até então, um jovem da conservadora burguesia bávara tinha batido às suas portas para pedir filiação.

O preconceito era injustificado. Embora fosse um dos juristas mais respeitados da Baviera e personalidade influente no Partido Social Democrata local, o advogado judeu Leo Benario era um liberal de idéias avançadas.

A própria Olga chegava a dizer que havia se transformado numa comunista não pela leitura da teoria marxista, mas folheando os processos em que o pai defendia os trabalhadores de Munique. "Ali vi de perto a miséria e a injustiça que só conhecia, superficialmente, nos livros", repetia sempre. Em contraste com sua consideração pelo pai, nas poucas vezes em que se referia à mãe, ela o fazia com frieza e economia de palavras. Filha de abastada família de judeus, Eugénie Gutmann Benario era uma elegante dama da alta sociedade que via com horror a perspectiva da filha tornar-se comunista. A importância da avó materna em sua vida era ainda menor. Olga lembrava-se apenas de um prosaico presente que dela recebera, durante a crise que sobreviera com a Primeira Guerra Mundial - uma galinha garnizé, útil numa época em que os ovos estavam racionados - e da pergunta com que a velha sistematicamente reagia a toda novidade que a neta lhe trouxesse da rua, como num presságio da tragédia que se abateria sobre a Alemanha: "Isso é bom ou mau para os judeus?"

Ao falar do pai, Olga nunca escondia o carinho que sentia por ele. Era, sim, um burguês social-democrata; mas diferenciado. Ao doutor Benario recorriam invariavelmente os trabalhadores que pretendiam fazer demandas judiciais contra os patrões e que não tinham dinheiro para pagar advogados. Com Leo Benario, pagava quem pudesse. Para os que nada podiam pagar, trabalhava de graça. "E com mais afinco", costumava lembrar Olga. A observação da clientela que freqüentava a elegante residência da Karlplatz, no centro da cidade, levava a jovem a interessar-se cada vez mais pela sorte daquela gente.

Pelo escritório do pai passavam diariamente - e discutiam à frente da adolescente - os mais abastados e os mais miseráveis habitantes de Munique. "A luta de classes ia visitar-me todos os dias em casa", ela brincava.

E visitas não faltavam - trazidas pela dramática situação econômica que decompunha o país desde o fim da Primeira Guerra. A brutal espiral inflacionária chegou a tal ponto que um dólar, que em meados de 1922 valia mil marcos, passou a custar 350 milhões de marcos já no ano seguinte. O operariado alemão estava à beira da miséria e a classe média se proletarizava velozmente. A aparente falta de saída para a crise fazia com que os sindicatos de trabalhadores, controlados na maioria por comunistas e sociais-democratas, perdessem força junto à população operária. Olga acreditava que tinha a solução, pelo menos a sua solução: dedicar-se mais e mais à causa comunista. Já na primeira tarefa que lhe deram, naquele verão de 1923 ela mostrou aos garotos do Schwabing que não estavam diante de uma burguesinha entediada. Destacada para uma colagem clandestina de cartazes, Olga, aos quinze anos, revelou-se a mais eficiente da turma, aí incluídos os mais velhos e mais fortes. Eficiente e ousada: pela primeira vez também o centro, e não só a periferia de Munique, amanheceu pichado. Ela chegara a locais movimentados, onde a presença de policiais assustava até os militantes mais experientes. "Medo e prudência são palavras que ela não conhece", disseram os novos amigos no dia seguinte.

A integração deu-se em pouco tempo. Além de decidida e corajosa, ela trazia do lar burguês algo que faltava aos filhos de operários - uma excelente formação escolar.

Muitos dos clássicos de que a maioria ali só tinha ouvido falar em palestras, ela já os havia lido. E em pouco tempo notaram outra forte característica, que os mais resistentes a sua presença no Schwabing atribuíam ao "radicalismo próprio dos filhos da burguesia": a intolerância contra qualquer pessoa que não fosse militante comunista. Inúmeras vezes ela seria advertida pelos mais velhos para evitar comportamentos que não passavam de provocações juvenis, como andar pelas ruas exibindo no peito um broche vermelho com a foice e o martelo dourados.

No final de 1923, quando trabalhava como vendedora na livraria Georg Müller, ela ouviu falar pela primeira vez no professor Otto Braun. A partir da descrição que faziam dele - especialmente as mulheres -, Olga passou a fantasiar, criando um mito em torno do jovem, bonito e inteligente Otto que, comentavam em voz baixa, trabalhava secretamente como agente dos soviéticos. Quando, finalmente, uma amiga comum promove um encontro entre os dois, Olga tem uma surpresa. Na verdade, o que ela imaginava de Otto era a caricatura de um revolucionário de folhetim: barba crescida, roupa de campanha, cabelos longos e desalinhados. No café onde se conhecem ela depara com um homem elegante, fumando cachimbo, gravata meticulosamente amarrada, cabelos repartidos e fixados com brilhantina, calça passada com capricho, botinas de camurça escovadas.

Embora tivesse apenas 22 anos - sete a mais do que ela -, Otto era um militante experiente. Inclusive naquilo que mais a encantava, a ação armada. Na frustrada revolução popular de 1919, uma tentativa de repetir o fenômeno russo de dois anos antes, ele fora enviado pelo Partido numa missão secreta, cujo objetivo era interceptar um comboio de tropas que o governo central enviara para tomar Munique, então capital da "República da Baviera".

Não obstante o êxito de sua tarefa, continuaram sendo enviados reforços contra os insurgentes e Munique ainda resistiria por mais um mês, com Otto à frente de um grupo de combatentes. Perdera a guerra, mas gabava-se de ter dado cabo de uns tantos "sociais-democratas direitistas".

A batalha de Munique chegara ao final com Otto na prisão - a sua primeira e mais curta prisão.

Os encontros entre os dois tornaram-se freqüentes e o fascínio recíproco cada vez maior. Ela imaginava estar diante de um homem perfeito, que conseguia juntar uma sólida formação teórica com a experiência militar. Sem falar de que era um rapaz bellissimo. Otto também estava encantado com aquela figura, meio menina, meio mulher, alguém com uma sede de ação e de teoria como ele nunca vira antes. O final da tarde passou a ser esperado com ansiedade por ambos. quando faltava meia hora para Olga deixar o balcão da livraria, ele aparecia com seu cachimbo e cachecóis elegantes para conversas que se estendiam até a madrugada.

Otto começou a orientar as leituras da moça e a indicar-lhe, além dos teóricos indispensáveis a sua formação comunista, alguns jornais e revistas de grupos marxistas de Berlim. E se surpreendia com a insistência com que ela pedia manuais de estratégia militar, depoimentos de grandes generais e relatos de batalhas famosas. A militarista que os suaves olhos azuis ocultavam já emergira nas reuniões do Grupo Schwabing, criticando freqüentemente o desinteresse dos outros pelas técnicas militares e a ausência de treinamento regular de todos os militantes.

"Nós vamos sentir falta dessa experiência quando estivermos cara a cara com o inimigo", advertia. Suas desavenças com os rapazes do grupo, entretanto, só se tornaram ásperas quando percebia que estava recebendo tarefas secundárias pelo fato de ser garota. Ao final da discussão, Olga resmungava para quem quisesse ouvir:

"Quero que vocês saibam que nestes momentos ser mulher é uma chateação!"

Quanto mais lia os clássicos marxistas e militava no Schwabing, mais firme tornava-se sua decisão de trocar Munique por Berlim. A clientela fina e perfumada da livraria Georg Müller, as discussões com os pais e a própria casa começam a ficar insuportáveis. As notícias da agitação política na capital, que lia nos jornais de Berlim, incendiavam sua imaginação. Uma fantasia que tinha nome próprio: Neukölln, o bairro operário de Berlim, a "fortaleza vermelha" da esquerda alemã. Depois de meses de insistência com Otto, ela recebeu dele, finalmente, um aceno. Foi num fim de tarde em que os dois passeavam de mãos dadas por um parque nos arredores de Munique.

Ele próprio não parecia estar muito seguro do acerto do convite:

- Consulte o partido e é possível mudarmos para Berlim. Mas, e sua família? Como você vai resolver isso com seu pai?

Ela enfureceu-se com a pergunta:

- Viajo na hora que o partido decidir!

Na verdade, não era apenas a política que a empurrava para Berlim. Ela estava apaixonada por Otto. Os fins de semana que passaram juntos em cabanas cobertas de neve revelaram-lhe o homem doce, carinhoso e paciente que se escondia por trás do grave professor de marxismo.

Passar os dias ao lado dos jovens operários comunistas de Neukölln e as noites nos braços de Otto era tudo o que Olga Gutmann Benário queria para sua vida naqueles dias. Só depois de ter na mão o bilhete de trem de segunda classe, e arrumado suas roupas na pequena mala de madeira, é que ela informou aos pais que viajaria na mesma noite. Foi um jantar silencioso, do qual a mãe não quis participar. Olga tentou, bravamente, partir sem brigar com o velho Leo. Depois de quase três horas de discussão, ela finalmente levantou-se. O beijo de despedida que o pai lhe deu à porta de casa dizia que no fundo ele, em seu lugar, talvez fizesse o mesmo.

Vinte e quatro horas depois, da janela do quarto, no sótão do pequeno sobrado, Olga contemplava a rua Weser: então ela estava ali, no coração de Berlim. Para quem passara a infância e a adolescência no confortável bangalô dos Gutmann Benario, na Karlplatz, em Munique, aquele cômodo minúsculo estava muito longe de merecer o nome de apartamento. Três passos dados com umas pernas longas eram suficientes para trombar com as paredes.

Como mobília, duas camas, uma mesinha de canto, uma cadeira e uma cômoda com gavetas, que fazia as vezes de guarda-roupa. Nos vãos entre um e outro móvel, tábuas apoiadas em blocos de concreto vergavam sob tantos livros, papéis e documentos. Por algum tempo, esta seria a casa de Olga e Otto. Percebendo a surpresa da namorada diante da modéstia das acomodações, ele ironizou:

- Nesse quarto já começamos economizando o dinheiro do despertador.

É que o bonde começava a circular às seis da manhã e passava debaixo da janela do apartamento, fazendo um barulho capaz de acordar os defuntos. Em sua primeira manhã berlinense, Olga tomou consciência de que a mudança não era apenas de endereço e de cidade. Durante o café da manhã - algumas bolachas e uma garrafa de leite - Otto revelou-lhe que seu trabalho clandestino para o Partido implicava certos cuidados que envolveriam a ambos. Abriu uma pasta de couro e tirou alguns documentos de identidade, explicando pacientemente a uma Olga maravilhada com o clima de mistério:

- Como eu, a partir de agora você terá duas identidades. Meus registros na polícia estão sob o nome de Arthur Behrendt, caixeiro viajante nascido em Angsburg em 28 de setembro de 1898. E desde ontem você passou a ser Frieda Wolf Behrendt, minha mulher, nascida em 27 de setembro de 1903, em Erfurt. Aqui estão os seus documentos e um atestado de que residimos atualmente no número 11 da Erhardstrasse, na cidade de Leipzig.

Muito cuidado e boa sorte, senhora Behrendt.

Otto disse mais: seu trabalho ilegal provavelmente os manteria afastados por semanas, às vezes meses. Aproximou-se dela, com um carinho:

- Isto significa que embora vivendo juntos, tão cedo não poderemos casar.

Ela reagiu agressiva:

- Então é bom que você saiba que eu não quero me casar.

Foi preciso pouco tempo para que Olga deixasse de ser a adolescente de Munique para se transformar numa mulher. Em tudo - menos na aparência de menina que lhe davam as trancinhas, destacando ainda mais seus belos olhos. No mais, uma mulher: na vida com Otto, na militância diária, no progresso fulminante que fazia dentro dos quadros da Juventude Comunista de Neukölln.

Alguns meses após chegar a Berlim, ela já era a secretária de Agitação e Propaganda da mais importante base operária do PC alemão, o bairro vermelho de Neukölln. Durante o dia, reuniões, passeatas e atividades de rua. A noite, intermináveis assembléias nos fundos do velho prédio da rua Zieten, onde funcionava a cervejaria da família Müller. O mesmo salão que durante o almoço era tomado por trabalhadores das imediações para a rápida refeição de batata-salsicha-e-cerveja, à noitinha virava sede da Juventude Comunista do bairro. Ninguém precisava de senha para entrar. Como a maioria daquela gente ainda não tinha idade para beber, Müller reagia maquinalmente quando aparecia alguma cara nova diante do gasto balcão de mármore. Apertando os olhos entre o vasto bigodão e a calva que lhe tomava a cabeça, dizia simplesmente:

- Juventude? Dê a volta pelo corredor, é lá nos fundos.

Olga já conhecia bem, de histórias que ouvira em Munique, tanto a cervejaria como o seu dono. Mais do que isso, sabia até o canto em que, durante muitos anos, Rosa

Luxemburgo e Karl Liebknecht - dois destacados dirigentes do PC alemão, assassinados em 1919 – conspiraram politicamente entre si. Quando piorava a situação financeira dos Müller - Wilhelm; a mulher e uma filha -, a notícia corria pelo meio operário, até mesmo de fora de Neukölln. Durante algumas semanas, as cervejarias da região se esvaziavam em benefício de Müller; a freguesia se multiplicava, até que suas finanças voltassem ao normal. E o mesmo salão dos fundos onde se realizavam atos políticos, assembléias e reuniões clandestinas, duas vezes por semana era transformado, das oito e meia às onze e meia da noite, em sala de aula. As terças-feiras, semana sim, semana não, Olga ensinava rudimentos de teoria marxista aos seus companheiros. Ali se conseguia o prodígio de realizar quatro, cinco reuniões simultâneas, tratando de temas diferentes. Muitas vezes ela tinha que ser ríspida e exigir que alguém escolhesse outra hora para rodar panfletos no mimeógrafo que a organização mantinha num canto do salão.

Dia após dia, trabalho duro: panfletagens na estação ferroviária de Góllitzer, passeatas de apoio às greves nas fábricas do bairro, ou de protesto contra a imposição de horas extras de trabalho. Tudo isso no escasso tempo que lhe sobrava do emprego de onde vinham os poucos marcos que a sustentavam em Berlim: das oito da manhã às seis da tarde, Olga era datilógrafa da Representação comercial Soviética, um emprego que lhe fora conseguido pelo Partido. Embora o trabalho lá fosse muito tedioso, comparado com suas atividades na Juventude, ela se orgulhava de poder trabalhar "ao lado dos revolucionários".

Mesmo sabendo que isso provavelmente era mera fantasia, Olga via em cada um daqueles pacatos burocratas de paletó e gravata "um bolchevique de aço".

O tempo exigido por uma vida tão febril tinha que ser roubado de alguma coisa. E, às vezes, sua vida amorosa com Otto parecia empobrecer. As poucas horas da semana em que conseguiam ficar juntos - em geral já pela madrugada - acabavam sendo gastas em . . . trabalho. Não só para ficar mais tempo com o companheiro, mas também pelo aprendizado político, Olga conseguiu, após muita insistência, ser sua secretária. Era ela, então, quem datilografava os extensos textos teóricos que Otto ditava ou deixava prontos, manuscritos. sobre a cama.

Nessa tarefa ela começou a compreender melhor a luta que se avizinhava em seu país. o desenvolvimento da revolução em outros países e, é claro, a estrutura interna do Partido Comunista alemão.

O amor e a admiração que tinham um pelo outro não diminuía- ao contrário, queriam-se cada vez mais. No entanto, a atividade política, somada à paixão pela militância, reduzia a minutos o tempo que tinham para namorar. E quando discutiam, nunca era por divergências políticas, mas por algo que chegava a irritar Olga: o ciúme que Otto sentia em relação aos rapazes da Juventude comunista. Ciúme justificado, diria qualquer um de seus 60 companheiros do grupo de Agitação e Propaganda. A cada dia Olga tornava-se mais atraente. Até o jeito meio desengonçado de andar dava-lhe um encanto especial. Além disso, uma característica aguçava ainda mais o desejo dos rapazes: sua independência. Olga era dona de seu nariz e fazia apenas o que acreditava ser importante. Na política e na vida pessoal.

Essa independência, porém, não a impedia de aprender cada vez mais com Otto. Este não lhe ensinava apenas as teorias de Marx, Lênin, Engels e Karl Liebknecht.

Conselhos que, dados por alguma amiga, teriam como resposta um palavrão, na boca de Otto vinham com outro sentido. Não era apenas um comunista experiente quem falava. Em doses homeopáticas, pacientemente, Otto Braun convenceu Olga de que uma militante não precisava ser descuidada e mal vestida - no pequeno e improvisado

toucador do casal, junto à pia do quarto, os poucos vidros de colônia e perfume eram dele. Nas conversas na cama, noite a dentro, crescia uma mulher mais tolerante com os não-comunistas. E mais do que isso, Olga aos poucos ia deixando de lado seus preconceitos mora listas contra companheiros que fumassem, bebessem ou gastassem o pouco tempo livre nos grandes salões de baile, sábado à noite. Com o tempo ela própria já começava a se sentir atraída pelas diversões do grupo.

De um sentimento, entretanto, nem mesmo os conselhos de Otto conseguiram livrá-la: o horror ao casamento formal, sacramentado em cartório. Ela associava a idéia do casamento ao que considerava a pior deformação burguesa: a dependência econômica da mulher, o amor obrigatório, a convivência forçada. Quando alguém indagava por que não se casava com Otto - se aparentemente viviam tão bem -, ela tinha a resposta pronta:

- Não nos casamos exatamente por isso: porque nos amamos. Eu jamais serei propriedade de alguém.

Mas que não se confundisse essa compreensão das relações homem-mulher com qualquer outra liberalidade.

Quando ouvia alguma amiga contar como vantagem que levava para a cama tantos rapazes, ela perdia a serenidade.

Nestes momentos emergia uma Olga intolerante, quase puritana:

- Saiba que ceder aos instintos é multiplicar o bordel burguês. E quem diz isso não sou eu; é Lênin.

Conversa encerrada. Como contestar Lênin? E se no grupo alguém tivesse comportamento que considerasse "imoral", Olga não hesitava em levar o problema à discussão na direção da Juventude Comunista - e isso na avançada Berlim dos anos vinte.

Essa face rígida não impedia que continuasse despertando paixões entre os jovens de IQeukölln. Paixões e, claro, ciúme. Como o de Ruth, que obrigou o namorado Martin Weiser - um jovem aprendiz de ourives - a abandonar o grupo de estudos marxistas dirigido por Olga no subúrbio de Falken.

Neste grupo, Olga conheceu outro rapaz que também se encantaria por ela, o tipógrafo Kurt Seibt. Kurt era empregado de uma gráfica e acabara de filiar-se ao sindicato da categoria. Inspirado por Olga, entrou para a Juventude Comunista e passou a ser uma espécie de assistente da professora. Como ela, Kurt acreditava que a militarização clandestina da organização era o passo seguinte após os cursos teóricos e a organização dos jovens nos bairros operários. Por orientação dela, Kurt encarregou-se da organização das milícias jovens em cada um dos quarteirões do bairro de Kreuzberg, próximo a hIeukölln.

Apesar de importante, o novo posto trazia a desvantagem de mantê-lo afastado da atraente professora.

Quando se encontrou de novo com Olga, depois de assumir a nova missão, Kurt pediu-lhe autorização para organizar uma brigada que reprimisse pela força um grupo de jovens nazistas que importunava o trabalho em Kreuzberg. Os insultos, as interrupções das aulas, os sacos de excrementos e urina que atiravam dentro das salas de reunião, só seriam contidos a socos, argumentava Kurt. Olga relutou bastante e tentou dissuadi-lo da idéia, insistindo em que deveria tentar atrair os jovens nazistas para as suas idéias, ao invés de espancá-los. Mas, ao perceber que a doutrinação pouco adiantava, ela própria decidiu participar da intervenção. Bastou uma única sessão de sopapos, ministrados por moças e rapazes, e os nazistas sumiram.

Frieda Behrendt é presa

No início de 1926, o Partido Comunista reconheceu formalmente os resultados do trabalho de Olga e promoveu-a ao cargo de secretária de Agitação e Propaganda não só do bairro - o "sul vermelho de Berlim" - mas da Juventude em toda a capital alemã. Juntamente com Gunter Erxleben, um garoto bem mais jovem que ela, com a estudante Dora Mantay e outros líderes da Juventude, Olga passava as noites organizando grupos de pichação, panfletagem e piquetes de apoio a movimentos de operários em portas de fábrica.

Suas intervenções eram sempre marcadas por idéias engenhosas e imaginativas. Era preciso inventar meios de burlar a polícia e evitar que a repressão sobre os comunistas fosse muito dura. Quando estourou naquele ano uma greve de motoristas de táxi em Berlim, as manifestações de rua foram proibidas, mas assim mesmo a Juventude decidiu organizar uma passeata de solidariedade aos grevistas. Como não podiam sair em conjunto da cervejaria de Müller, pois seriam reprimidos antes que chegassem ao centro da cidade, Olga preparou um plano para enganar os policiais. As três horas da tarde, quando o movimento era mais intenso nas principais ruas, o centro de Berlim foi sendo tomado, aos poucos, por dezenas de casais de jovens namorados, espalhados pelas esquinas, olhando vitrines, parados nas portas de bares e sorveterias.

Em um dado momento alguém assoviou alto e os casais, obedecendo à ordem, tomaram a rua. Estava montada a passeata, que momentos depois seria dispersada a golpes de cassetete da cavalaria e jatos d'água das carroças-pipa da polícia. Durante a repressão, era comum que das janelas das casas surgissem bandeiras vermelhas – tanto comunistas, com a foice e o martelo no alto, saudando os jovens, como nazistas, com a suástica negra no centro, apoiando a ação policial.

Refregas como essa ocorriam às dezenas em Berlim.

A atividade política crescia na mesma proporção em que a direita se organizava. O Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, o Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores - ou, simplesmente, Partido Nazista aumentava sua pregação junto à classe média e a setores do operariado. Em contrapartida, os comunistas procuravam multiplicar suas células. A revolução tinha triunfado havia menos de dez anos na Rússia, mas o isolamento político e a distância geográfica da capital da recém-nascida União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, somados ao crescimento do Kommunistische Partei Deutschland, o Partido Comunista alemão, faziam com que Berlim deixasse de ser apenas a capital do comunismo alemão, ou europeu, para tornar-se a meca da insurreição social.

O grau de estruturação do Partido Comunista na sociedade era comparável ao de um Estado. Com centenas de milhares de militantes espalhados por todo o país, o Partido mantinha editoras de livros em todas as grandes cidades (nem sempre ligadas oficialmente aos comunistas) e publicava várias revistas semanais e dezenas de jornais diários (regionais e nacionais), impressos em papel produzido por indústrias do próprio PC alemão. A tiragem das publicações comunistas, oficiais ou não, superava de longe a circulação total da imprensa independente e dos outros partidos políticos. Incontáveis clubes e associações de mulheres, jovens e intelectuais - quase todos de "fachada", sem qualquer ligação oficial com a organização - funcionavam sob orientação tanto do Partido como diretamente da cúpula da III Internacional - o Comintern - em Moscou.

Internamente, a estrutura do PC alemão assemelhava-se à de um governo. Disponha de

correio próprio, divisões de espionagem política e industrial e parques gráficos destinados exclusivamente à produção de documentos falsos. A segurança das sedes do Partido, dos documentos e dos dirigentes era garantida por uma espécie de Ministério da Defesa em miniatura. Para cada área de produção da sociedade - indústrias, agricultura, transportes, energia - existia um departamento correspondente na estrutura partidária, com especialistas de todos os tipos. Duas divisões, entretanto mereciam especial atenção por parte da direção do Partido e do Corintern: a responsável pelo enfrentamento com o Partido Social-Democrata, e aquela que supervisionava a atuação da Juventude Comunista.

Dentro da JC, o trabalho realizado pelo núcleo de Neukölln era sempre apresentado como um exemplo de dedicação e eficiência à causa comunista. E a estrela mais fulgurante de Neukölln a jovem Olga Benario, era quem mais preocupava a direção naquele momento. Temendo que a polícia desconfiasse da dupla identidade de Otto, e que tentasse chegar a ele por intermédio da namorada, o Partido aumentou a segurança em torno dela. O ritmo de suas atividades foi reduzido e ela foi proibida de participar de qualquer ação arriscada. "Se põem a mão em você", advertiam-na, "Otto cairá em seguida". Além disso, ela própria tornara-se um alvo importante para a polícia: semanas antes fora escolhida para ser a secretária política da direção da Juventude Comunista em Neukölln, o cargo mais importante depois do de secretário-geral.

Os receios de que Olga fosse usada como isca não se concretizaram, Pior: tudo aconteceu exatamente ao contrário do previsto. Certo dia, no começo de outubro de 1926, Olga saiu mais tarde de uma reunião na cervejaria.

Já passava da meia-noite, mas ela decidiu voltar a pé para sua nova casa, um pequeno apartamento no número 25 da rua Jung. Entrou e permaneceu encapotada até o aquecedor esquentar um pouco o quarto. Por volta de duas horas da madrugada, ouviu baterem à porta e imaginou que Otto tivesse esquecido a chave. Abriu e deparou-se com dois policiais. O mais velho exibiu-lhe um documento timbrado e perguntou:

- A senhorita é Olga Gutmann Benario?

- Sim, sou - respondeu atônita.

- Por ordem do Dr. Vogt, Juiz do Supremo Tribunal, a senhorita está presa. Queira acompanhar-nos.

No carro da polícia, a caminho do Departamento de Investigações, ela pôde ler o mandado de prisão preventiva. Com base na "Lei de Proteção da República", prendiam-na sob suspeita de ter cometido vários crimes: "preparação de empreendimento altamente traiçoeiro", "tentativa de alteração pela violência da Constituição vigente", e "participação em associação clandestina e hostil ao Estado, para tentar minar a forma republicana de governo". Apesar do tom ameaçador das acusações - que pela lei poderiam deixá-la mofando no xadrez por uns bons anos -, Olga percebeu, pela conversa dos dois guardas, que não era ela o alvo. Na verdade, quem eles de fato procuravam já havia sido preso naquela manhã: Otto Braun.

Logo nos primeiros interrogatórios ela notou que o interesse da polícia pelas atividades de Braun era muito grande e que a acusação que pesava sobre ele era mais grave do que supunha: "suspeita de alta traição à pátria".

Olga sabia que esse era o termo jurídico que os promotores da polícia política utilizavam para enquadrar os acusa dos de passar documentos secretos a países estrangeiros, ou fazer espionagem em favor de outro governo.

Durante duas semanas, a prisioneira foi mantida incomunicável e submetida a interrogatórios desde o amanhecer até a madrugada, com rápidas interrupções para o que chamavam de refeições. A calma e a frieza com que negava todas as acusações - as

falsas e as verdadeiras impacientavam e irritavam os policiais que operavam em rodízio. A primeira notícia do mundo exterior veio de Munique: através de advogados que trabalhavam no Departamento de Investigações, o pai mandou-lhe um recado. Se ela concordasse, ele poderia deslocar-se até a capital para defendê-la na Justiça. E se o envolvimento da filha não fosse grave, ele poderia conseguir sua libertação graças a amigos influentes do Partido Social-Democrata.

Olga percebeu que não havia maldade na oferta do pai.

mas apenas preocupação com seu destino. Ainda assim, recusou polidamente a ajuda oferecida.

Logo que a incomunicabilidade foi suspensa, recebeu a primeira visita. A Juventude Comunista de Neukölln fez uma coleta entre os militantes, simpatizantes e amigos de Olga e elegeu Gabor Lewin, um dos membros da direção, para visitá-la e levar-lhe um riquíssimo farnel. O pacote, minuciosamente vistoriado na entrada da prisão de Moabit, continha doces, biscoitos, panquecas, frutas e conservas compradas na confeitaria mais refinada da cidade.

Nos poucos minutos da visita, ouviu um atarantado relatório sobre as atividades da Juventude e as providências que tomavam para protestar contra as duas prisões.

Sempre aos sussurros, Olga respondeu com um resumo da acusação e dos riscos que envolviam nem tanto ela, mas principalmente Otto, suspeito de espionagem e traição. Burlando o carcereiro que a cada momento enfiava a cabeça na sala, Olga rabiscou uma mensagem dirigida aos jovens do Partido e que seria lida em assembléia naquela mesma noite, na "Casa Karl Liebknecht", a sede oficial de atos públicos do PC alemão.

No começo de dezembro, Olga começou a temer que sua prisão pudesse envolver algo de mais sério. A total ausência de informações sobre o andamento de seu processo - e principalmente sobre o de Otto - deixava-a apreensiva. Na manhã de 2 de dezembro - exatamente dois meses após sua prisão, o carcereiro abriu a porta da cela e ordenou:

- Pode arrumar suas coisas. A senhorita está em liberdade, por ordem do promotor do Supremo Tribunal.

Olga juntou as duas mudas de roupa que deixara dobradas num canto da cela, rabiscou um "de acordo" ao pé da ordem de soltura e em menos de cinco minutos estava na rua. Correu para casa e logo ao entrar percebeu que naqueles dois meses a polícia tivera tempo suficiente para revistar cada cantinho das estantes, da velha cômoda, de tudo. Manuscritos de Otto, livros, algumas de suas próprias anotações, tudo havia sido confiscado pela polícia política. Deitou-se e dormiu por quase vinte e quatro horas. Acordou sobressaltada na manhã seguinte com pancadas na porta. "São eles de novo", imaginou. Quando soltou a tranca, o quarto foi invadido por mais de vinte garotas e rapazes da Juventude. Olga passou uma água no rosto e ficou as horas seguintes contando, repetidas vezes, como tinham sido os dois meses em Moabit.

Os dias passavam sem notícias de Otto Braun. Todas as noites, ao dormir, Olga sentia um aperto no peito vendo os objetos do namorado sobre a estante: os cachimbos, a bolsa de fumo, dois pares de botas, uma echarpe de seda pendurada no trinco do banheiro. Aquela ausência era diferente das anteriores, quando sabia que ele podia surgir a qualquer momento, abraçá-la em silêncio, puxá-la para a cama - e só muito tempo depois é que começariam a contar as novidades. Agora ela sentia um forte pressentimento de que ficaria sem Otto por muito tempo.

Entretanto, a atividade política era o melhor remédio contra a angústia e a ansiedade. Atirou-se na agitação, dedicando-se a um trabalho que não implicava em riscos de nova prisão: a preparação de encontros da Juventude fora de Berlim. A saudade e a preocupação eram, contudo, muito fortes e duas semanas depois de libertada ela decidiu

ousar. Pegou o telefone e discou para o gabinete do juiz Vogt, diretor da prisão de Moabit. Quando a secretária pediu-lhe que esperasse um instante até o juiz atender, Olga tapou o fone com a mão e comentou com sua amiga Frieda:

- Acho que estou virando uma pessoa importante.

O fascista do Vogt vai me atender!

Se Vogt, ao dignar-se a atender o telefonema de uma subversiva, esperava por alguma informação importante sobre o processo de Otto, enganou-se. Olga queria autorização para visitar o namorado pelo menos uma vez por mês, reivindicava o direito de levar-lhe alimentação especial regularmente e, por fim, requeria licença para uma visita extra no Natal que se aproximava. Irritado com o atrevimento da ex-presa, Vogt respondeu-lhe apenas que fizesse um requerimento por escrito e o entregasse na portaria da prisão. E desligou o telefone. O pedido datilografado foi entregue na mesma tarde e para surpresa dos funcionários da prisão, pela própria Olga. Na manhã seguinte ela receberia pelo correio, frustrada, o taxativo despacho assinado não por Vogt, mas pelo comissário Kling, um funcionário subalterno da prisão: Otto Braun não era um preso político, mas um acusado de alta traição e, portanto, não tinha direito a alimentação especial; no Natal, segundo a lei, ele poderia, como qualquer preso comum, receber visitas e alimentos num pacote de cinco quilos no máximo; quanto ao pedido de visita regular, estava recusado. Olga leu o ofício furiosa. Amassou o pedaço de papel, jogou-o no lixo e disse em voz alta, para si mesma:

- É, parece que Otto só sai de Moabit se o arrancarmos de lá.

Olga sabia que o ano de 1927 prometia ser tumultuado. O cerco do governo ao Partido Comunista alemão apertava, embora a organização estivesse na legalidade.

Várias centenas de presos políticos abarrotavam os presídios e, não obstante o crescimento econômico do país em relação à crise de quatro anos antes, multiplicavam-se os focos de miséria nos bairros operários. A solidariedade nacional e internacional aos presos era grande, mas, do ponto de vista material, sustentar tantas famílias era algo impensável.

E, o que era pior para Olga, Otto não podia ajudá-la a pensar nas saídas políticas para a crise que ameaçava o país. Nas duas únicas oportunidades em que o "fascista Vogt" autorizara visitas, eles mal puderam conversar no salão de audiências de Moabit. Supondo que do encontro pudesse vazar alguma informação importante, o juiz colocou dois guardas de plantão a centímetros do casal, ouvindo ostensivamente o que sussurravam.

O ano começara mal para ambos. Por meio de ofício carimbado com um "ultra-secreto" no meio da folha, o Departamento do Ministério do Interior – responsável pela área de inteligência e informação - transmitira à direção da polícia nacional sediada na cidade de Leipzig, a suspeita de que Frieda Wolf Behrendt e Arthur Behrendt fossem, na verdade, Olga Gutmann Benario e Otto Braun, "amantes e cúmplices em um processo de alta traição" que tramitava nos tribunais alemães. Os serviços de informação solicitavam dados mais precisos sobre "os dois casais", tais como fotografias, cópias de todos os documentos e verificação dos endereços dados por eles. Como recomendação final, determinavam que as investigações fossem conduzidas "em caráter absoluta mente secreto".

Em resposta, o relatório sumário de Heinz Junghans, comissário superior de polícia, não deixou qualquer dúvida quanto à veracidade das suspeitas. Otto Braun e Arthur Behrendt eram a mesma pessoa, assim como Olga Benario e Frieda Wolf Behrendt. Além disso, o informe policial declarava que o endereço dado pelo casal ao registrar os documentos é falso - a tal casa número 11 da Erhardtstrasse, em Leipzig -,

simplesmente não existia.

Junghans advertia, finalmente que a perfeição dos documentos "frios" de Braun e Olga levava à suspeita de que ambos tiveram acesso a uma gráfica sofisticada capaz até mesmo de imprimir passaportes e dinheiro. Se até então apenas Otto estava envolvido até a raiz dos cabelos, a partir daquele momento Olga deixava de constar nos autos apenas como sua "secretária" ou "namorada".

O agravamento da situação judicial da filha logo chegou aos ouvidos do advogado Leo Benario em Munique, que decidiu agir desta vez sem consultá-la. Através de requerimento dirigido ao procurador Neumann, chefe dos promotores públicos do Supremo Tribunal de Justiça, o pai formulou um comovente apelo solicitando a exclusão da filha do processo movido contra Otto Braun.

Subscrevendo-se como "responsável perante a Lei e advogado de minha filha menor", o jurista insistia em que, se de fato houvera participação da garota no suposto crime, ela certamente não podia ter consciência do que fazia, por não ter sequer completado 18 anos à época do delito. "Numa espécie de solicitude romântica para com os trabalhadores, esta jovem, completamente inexperiente na vida política e econômica", escreveu o pai, "pretendia ajudar, por conta própria, a esta classe do povo, e especialmente à juventude da mesma." Leo Benário esclareceu que Olga não havia deixado a casa da família em Munique para militar no Partido Comunista em Berlim, mas porque haviam prometido a ela um emprego na capital. Disse que não tentara retê-la em casa pela força, pois "tais medidas, hoje em dia, são inúteis com os jovens, e a aplicação da força provavelmente teria levado a resultado oposto". Terminava o ofício reiterando o pedido de exclusão da filha, e encerrava a petição com uma sutil ironia: "Se é que Olga teve alguma cumplicidade com Otto, foi apenas na máquina de escrever - e ainda assim faltava-lhe consciência do que fazia".

A resposta seca do promotor chefe dava mostras de que o Judiciário alemão não se sensibilizara com os argumentos paternos do dr. Benario. Um despacho de poucas linhas tirou do advogado as últimas esperanças de livrar a filha da enrascada: "Uma vez aberto o inquérito contra sua filha Olga Benario, não há como suspender o processo", determinou o procurador Neumann.

Os meses seguintes transcorreram sem que a Justiça desse a público qualquer notícia sobre o processo. No final do ano, Olga leu nos jornais que o Supremo Tribunal tinha finalmente marcado para maio o julgamento de Braun como "cabeça do processo de alta traição à pátria".

Agora sem meias palavras, ele era tratado explicitamente como "espião a serviço da União Soviética". Olga apavorou -se, pois sabia que aquele não seria, jamais, um processo regular. A nomeação de um homem de extrema direita, como o juiz Vogt, para a chefia da corte que julgaria Otto, era parte de uma articulação governamental para "passar o arado" nos comunistas, como ela costumava dizer nos atos públicos. Através do julgamento, o que se pretendia era comprometer o Partido Comunista aos olhos da opinião pública, imputando-lhe atos de traição à Alemanha e de espionagem em favor da União Soviética.

"Nem todos os advogados do mundo, juntos, conseguirão impedir que Otto seja condenado a vinte anos de prisão" - ela falava para si mesma pelas ruas da cidade, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco de lã, o jornal com as notícias do tribunal sob o braço. "E, se ninguém pode evitar sua condenação, só há uma saída: Otto não pode ser julgado", concluía Olga. A idéia reanimou-a. Ela sorriu e apressou o passo em direção à cervejaria dos Müller: "por isso, Otto Braun não será julgado por um tribunal fascista". Olga não ignorava o quanto de fantasia sustentava esse raciocínio, que aquilo era um

mecanismo interior para aplacar o pânico diante da iminente condenação do namorado. Afinal, Moabit não era uma prisão qualquer, mas uma fortaleza que ocupava toda uma quadra na região central de Berlim. Dificilmente um visitante de fora poderia imaginar, vendo o prédio da rua, que a elegante e sólida construção de janelas góticas fosse uma prisão de alta segurança. Além de uma dezena de celas, no subsolo ou protegidas por muralhas de tijolos no lado oeste do edifício, Moabit abrigava meia dúzia de salões de audiência e instrução judicial no térreo, todos de frente para a Turmstrasse, onde ficava a entrada principal do complexo carcerário. Para evitar que os presos, em dias de audiências ou interrogatórios, circulassem na área aberta ao público e aos advogados, construíram-se pequenas saletas contíguas aos salões, ligadas às celas por corredores subterrâneos. Embora o sistema de segurança fosse rigoroso, Olga sabia que, caso existisse uma única chance de arrancar Otto de Moabit, esta chance estaria ali, no breve instante em que fosse transferido da sala de espera para o salão de audiências. E isto aconteceria dali a poucas semanas, na última audiência de Otto antes do julgamento.

Olga caminhava pelas ruas imaginando planos, assaltos, sequestros, e se espantava com a indiferença dos outros frente à sua angústia. "Isto não é possível, Dora," resmungava com a colega de trabalho, "nossa gente deve estar anestesiada. Há um revolucionário sob o risco de passar décadas num xadrez gelado pelo crime de querer libertar o seu povo - e essa gente que passa a nossa volta talvez nem saiba quem é o escritor Otto Braun." Desde o momento em que despertava até voltar para casa, tarde da noite, ela não conseguia pensar noutra coisa: Otto não podia ficar em Moabit até o julgamento, Olga ainda não sabia, então, que esse desejo não era apenas seu. Fantasia ou não, outros companheiros planejavam a mesma coisa. Mais de uma vez disseram que "Olga e o Partido parecem pensar com uma só cabeça" - e agora a frase seria de novo confirmada, na última semana de março ela foi chamada reservadamente à sede do Partido por um funcionário da seção de contra espionagem do PC. Depois de esperar alguns minutos caminhando pelos corredores, foi introduzida na sala do comando da Parteischutzgruppen, o corpo de segurança dos dirigentes do Partido. Ali recebeu instruções no sentido de selecionar meia dúzia de militantes do Departamento de Ordem da Juventude Comunista e orientá-los para uma delicada e perigosa missão, que chefiaria pessoalmente no dia 11 de abril, daí a quinze dias: um assalto armado para tirar Otto Braun da prisão de Moabit.

A sua frente, o "Cavaleiro da Esperança"

Poucos dias depois de se instalarem no hotel Desna, Olga e Otto foram transferidos para o edifício de apartamentos reservado aos jovens estrangeiros que se encontrassem em Moscou a serviço do KIM - o Kommunisti Internationati Molodoi - uma versão do Comintern para a Juventude Comunista Internacional. Embora as instalações tosem mais modestas do que as do hotel, esses alojamentos tinham a vantagem de colocá-los em contato com jovens de vários países - propiciando-lhes, concretamente, uma visão do caráter internacionalista da "revolução russa. Dezenas de idiomas e dialetos se confundiam num burburinho de eslavos, latinos, negros e orientais oriundos das várias repúblicas soviéticas e de todos os cantos do planeta.

Os dois receberam um pequeno quarto com banheiro, guarda-roupa e cômoda e, mal acabaram de se instalar, foram informados de que, devido à forte tensão que passaram, na clandestinidade de Berlim e na viagem até Moscou, teriam direito a três semanas de

férias no Mar Negro, aproveitando o verão. Eles próprios determinariam a data, da partida, mas antes da viagem seriam submetidos a exames médicos - recomendação especialmente feita a Otto, suspeito de estar anêmico.

Os primeiros dias no alojamento do KIM foram suficientes para perceber que eram conhecidos da maioria dos estudantes que ali viviam. Ou melhor: não que fossem conhecidos, mas ali se sabia com detalhes a história da linda alemã que invadira Moabit para arrancar das mãos do juiz o seu namorado, um jovem dirigente comunista.

Olga e Otto se divertiam, no refeitório, quando ouviam alguém recontando a ação, a cada versão acrescida de lances mais fantasiosos.

Duas semanas após desembarcarem em Moscou, o guia que os acompanhava levou-os para assistir, depois do jantar, ao encerramento de um dos cursos políticos dados pelo KIM. Quando os três entraram no auditório superlotado da Juventude Comunista Internacional, Olga imaginou que aquele deveria ter sido um luxuoso teatro da época czarista, tal a suntuosidade do lugar e a abundância de mármore, tapetes e cortinas de veludo azul caindo de um teto altíssimo não se encontravam mais poltronas vazias, e os três tiveram que se juntar aos grupos espremidos nos corredores laterais. Quando a cerimônia aproximava-se do final, a moça que presidia os trabalhos pediu silêncio para fazer uma comunicação importante. A seguir, chamou ao palco "a camarada Olga Sinek" - codinome que usaria durante toda sua estada na URSS - "recém-chegada de Berlim, onde comandara a libertação do professor Otto Braun". O salão veio abaixo. Sob palmas de centenas de moças e rapazes ela caminhou até o palco e, a princípio meio nervosa, relatou brevemente os acontecimentos de 11 de abril. Desinibida pelos aplausos que recebia enquanto falava, terminou com uma confissão:

- Eu gostaria que soubessem que ali eu cumpri duas tarefas: uma do Partido e outra do meu coração.

Foi a consagração. A partir daquele dia, o tempo passou a ser escasso para atender a todos que lhe pediam para contar a ação de Moabit. Transformada pelos dirigentes do KIM numa espécie de exemplo do jovem comunista ideal, Olga se desdobrava para atender aos compromissos que a direção assumia por ela: falar em fábricas, fazendas estatais, escolas e programas de rádio. A viagem de descanso foi sendo adiada, e dois meses após sua chegada à União Soviética ela soube que tinha sido eleita para o Comitê Central da Juventude Comunista Internacional. O novo cargo significava também novas obrigações, e a primeira delas era freqüentar um curso intensivo de inglês e francês e, nas horas livres, melhorar seus conhecimentos de russo.

Ela não tinha um minuto para Otto. Quando, certa noite, este contou-lhe que terminara todos os exames médicos e sugeriu que partissem imediatamente para as férias, ela o surpreendeu com uma recusa:

- Acho que você terá que ir sozinho. O trabalho de KIM está absorvendo todo o meu tempo e nesse momento não posso nem quero sair de Moscou.

Para espanto de Olga, Otto reagiu com uma explosiva crise de ciúmes. Revoltada, ela repetiu, uma vez mais, que não seria jamais propriedade de quem quer que fosse.

Ele esbravejava, querendo saber de que país era o jovem que certamente estava virando a cabeça dela. Enfurecida, antes de sair e bater a porta com violência, ela apontou debochadamente para o pequeno busto de Lênin sobre uma mesinha, e disse apenas:

- Seu tolo! O jovem que te provoca essa ciúmeira é russo mesmo, e já está morto. É esse aí.. .

Sempre que reapareciam os acessos de ciúme de Otto, Olga saía para caminhar sozinha pelas ruas de Moscou, com saudades do começo do namoro, em Munique e Berlim. E começava a rodar pelos quiosques de jornais e revistas da rua Gorki, procurando algum

exemplar atrasado do Bandeira Vermelha, órgão oficial do PC alemão, para esquecer as birras do namorado. O jornal, que aparecia irregularmente nas bancas ou nos organismos políticos de Moscou, era o único meio de obter informações sobre a Alemanha e, muito especialmente, ALeukálln. De sua antiga "fortaleza vermelha", as notícias esparsas davam conta de lutas cada vez mais difíceis entre os jovens da JC e os "fascistas da polícia", em que seus amigos quase sempre saíam feridos ou presos. Toda vez que lia coisas assim, Olga ficava ainda mais convencida de que tivera razão ao insistir para que a JC militarizasse parte de seus militantes. Sua certeza de que a luta não seria apenas política era tão forte que passou a requerer autorização, junto ao Birô Político do KIM, para ingressar em cursos paramilitares na URSS, ao invés de freqüentar apenas as classes teóricas.

Tanto pediu e tanto insistiu com seus superiores que, meses depois, foi convocada para uma temporada fora da capital. Durante o período que passou em Borisoglebsk - localidade a 500 quilômetros ao sul de Moscou, em direção ao mar Cáspio -, ela aprendeu a atirar com armas pesadas e leves e a cavalgar incorporada a uma unidade regular do Exército Vermelho. Dez semanas depois, de volta a Moscou, Olga encontraria em seu quarto uma carta ressentida de Otto, queixando-se mais uma vez do pouco tempo que dispunham para ficar juntos. Ela sentia que continuava amando-o, mas a convivência tornava-se cada dia mais difícil. Otto era um homem adorável, sem dúvida um verdadeiro comunista, mas nas relações afetivas "comportava-se como um legítimo pequeno-burguês".

Foi durante uma dessas crises, no começo de 1931, que Olga teve uma agradável surpresa. Seu velho e querido amigo da JC de hLeukálln, o pequenino Gabor Lewin, que chefiara as patrulhas que arrancaram dos postes os cartazes de "procurados" depois da ação de Moabit não resistiu à saudade e decidiu visitar sua antiga companheira em Moscou. Na verdade, a chance de encontrá-la era ínfima: não falava uma sílaba de russo e como endereço dela tinha uma vaga indicação de que vivia "num prédio perto do rio Moscow". Apesar disso, Gabor chegou confiante à capital soviética, determinado a encontrar-se com sua grande paixão platônica de anos antes. Ele perambulou pelas ruas de Moscou como um louco, procurando transeuntes com feições judaicas. "Afinal, o iídiche é parecido com o alemão e se encontrar algum patricio aqui", imaginou, "consegurei trocar com ele algumas palavras."

Não conseguiu. No quarto dia de peregrinação, viu um chofer de táxi que parecia ter "um certo ar de judeu, com um nariz tão grande quanto o meu". Através de mímica e misturando alemão e iídiche, tentou sem sucesso conversar com ele. O passageiro que acabava de entrar no táxi, entretanto, era um oficial do Exército Vermelho, que falava alemão. Minutos depois, Gabor Lewin estava na porta do alojamento do KIM. Olga reconheceu a perseverança do amigo e conseguiu-lhe hospedagem e comida por dez dias - dez dias que gastaram conversando, ele atualizando-a sobre as atividades da Juventude em Neukálln e ela contando o turbilhão em que sua vida se transtormara na capital soviética.

A visita de Gabor e suas notícias de Berlim aumentaram a curiosidade de Olga a respeito de sua própria situação judicial na Alemanha. Meses depois da partida do amigo, ela montou um estratagema para saber como andava sua ficha na polícia berlinense. Como seu passaporte vencera poucas semanas antes, dirigiu-se à embaixada alemã em Moscou para solicitar a revalidação do documento. O cônsul alemão, Von Twardowski, comunicou-se com a Chancelaria em Berlim pedindo instruções e aproveitou para transmitir algumas informações à polícia política: pelo passaporte vencido não era possível saber como Olga entrara na URSS (ela dissera no consulado

que o visto de entrada na União Soviética havia sido concedido numa folha solta e entregue à polícia aduaneira ao entrar no país): ela era portadora de uma "autorização de residência para estrangeiros", ou seja, não se naturalizara soviética; Olga devia ter bons advogados em Moscou, pois chegou à embaixada munida de uma cópia de certidão da anistia de agosto de 1928, da qual pretendia se beneficiar; e, finalmente, alegava trabalhar como secretária do Instituto Marx-Engels, na capital soviética.

A resposta de Berlim informava que sua ficha policial engordara muito desde 1928. A Justiça alemã havia transferido para ela, de modo arbitrário todas as acusações que levaram Braun à prisão - inclusive a de "alta traição à pátria". Olga ficou sabendo também que a anistia de 1928 não beneficiava nem a ela nem a Otto Hraun.

Contudo, dizia a papelada enviada ao consulado, mesmo se tratando de "comunista procurada" e de pessoa de "alta periculosidade", ela não havia renunciado ou sido despojada da cidadania alemã. Assim, um mês após entrar com o pedido, Olga recebeu em Moscou um passaporte alemão novinho em folha.

No final de 1931, Olga seria escalada para sua primeira missão internacional: intervir, em nome do KIM, na JC francesa, e ajudar a escolher novos dirigentes para a Comissão Executiva da Juventude, em Paris, de modo que a organização tivesse orientação menos sectária que a de então. A notícia de que ela ficaria fora da URSS por tempo indeterminado foi a gota d'água para Otto. Os dois vinham se encontrando cada vez menos e, embora vivesses juntos e compartilhassem o quarto, não era incomum passarem dois meses sem se ver. Ela propôs então que se separassem e, ao concordar, Otto contou-lhe que vinha se envolvendo com outra mulher em Moscou. Os dois acertaram então que, quando ela retornasse da viagem à França, Otto já teria desocupado o quarto. Ao se despedirem, Olga percebeu em si, pela primeira vez, o sentimento que tanto condenava no companheiro: ciúme.

E é remoendo-se de ciúme que ela, com o nome falso de Eva Kruger, tomou o trem em Moscou que, depois de uma série de baldeações, haveria de deixá-la em Paris.

Na estação ferroviária da capital soviética, Olga encontrou-se com Ilze Unger, garota de sua idade e antiga companheira da Juventude Comunista de Neukölln. As duas tomariam o mesmo trem, mas tinham destinos e missões diferentes: Ilze havia sido encarregada por Walter Ulbricht, dirigente do PC alemão exilado em Moscou, de levar para Berlim documentos secretos com orientação do Comintern para a direção do Partido, que ela transportava dentro do sutiã. Como medida de segurança, decidiram viajar separadas. Na fronteira da URSS com a Polônia, Ilze, para despistar, flertou com os guardas da alfândega polonesa. Um deles, desconfiado, interpelou-a:

- Você não é Olga Benario? Quero ver seus documentos.

As duas eram de fato muito parecidas: ambas eram altas, tinham olhos azuis, cabelos escuros e a mesma idade. Ilze identificou-se e disse ao soldado que não, que não era a comunista procurada pela polícia:

- Ao contrário: nem eu nem meu noivo, que mora em Moscou, gostamos dos comunistas.

Cinco bancos atrás, Olga ouvia tudo e levantava um pouco mais sobre o rosto o livro que fingia ler.

Na França ela não se limita a transmitir a orientação do KIM aos jovens comunistas, mas participa de manifestações de rua até ser detida. Colocada em liberdade, semanas depois é presa novamente e deixada pela polícia na fronteira com a Bélgica. Ajudada por comunistas belgas, ela chega a Londres - e acaba sendo presa outra vez durante uma manifestação no centro da capital britânica. Uma ficha policial é aberta nos arquivos do

Intelligence Service - o serviço secreto inglês. As impressões digitais deixadas pela jovem Eva Kruger em Londres fariam, anos depois, com que sua pasta fosse substancialmente recheada com acusações mais graves do que a de protestar em praça pública.

De volta a Moscou é recebida com a notícia de que o V Congresso da Juventude Comunista Internacional acabara de aclamá-la como membro do seu Presidium, o mais alto degrau da hierarquia de uma organização comunista.

A escolha unânime de seu nome se dera na assembléia final do congresso, composta por jovens comunistas demais de cinquenta países. O prêmio pela promoção viria logo em seguida: Olga fora escolhida pelo Comintern, entre centenas de candidatas, para fazer o curso de paraquedismo e pilotagem de aviões na Academia Zhukovski da Força Aérea, sediada em Moscou. Sempre registrada com o nome de Olga Sinek, ela foi incluída numa turma mista de alunos do 1.º ano. Discreta, nada revelou de si ou do seu passado. Nem mesmo para sua melhor amiga no curso, Tamara Kojevnikova, uma georgiana quatro anos mais moça que ela e que a tratava pelo carinhoso apelido de Olya - Olguinha, em russo. Apenas o sotaque denunciava sua origem alemã. Também ali, Olga encontraria jovens de vários países do mundo, desta vez dedicando-se exclusivamente ao treinamento militar.

Ao tomar chá com um grupo deles, na cantina dos oficiais, ao final de um treinamento simulado de vôo, Olga ouviu um jovem latino-americano - argentino ou boliviano - contar para os colegas, em um russo hesitante, a história que lera no seu país sobre uma aventura revolucionária na América do Sul. Era a história de um batalhão de mil e poucos homens que percorrera a pé mais de 25 mil quilômetros, enfrentando as tropas regulares de um governo "ditatorial". O relato, contado em detalhes pelo oficial estrangeiro, mesclado de lances heróicos e batalhas sangrentas, terminava com os guerrilheiros chegando ao fim sem derrubar o governo, mas também sem sofrer uma única derrota. O grupo, chamado de "Coluna Prestes",

levava este nome em homenagem ao seu líder, o jovem capitão Luís Carlos Prestes. Olga ouviu o relato entre curiosa e desconfiada:

- O camarada tem certeza de que eles andaram mesmo 25 mil quilômetros a pé? Isso significa ir e voltar de Moscou a Berlim quase dez vezes... a pé!

Como o piloto insistisse na veracidade do episódio, ocorrido no Brasil, afirmando que qualquer latino-americano em Moscou poderia confirmá-la, Olga se conformou:

- Já imaginou se pudéssemos estar lá, incorporados a essa tal coluna invencível?

O que Olga ou qualquer de seus colegas da academia não sabiam é que o mitológico comandante da coluna invicta estava ali mesmo, em Moscou, em seu apartamento perto do bulevar Sadova, a poucas quadras de distanciada escola militar onde tomavam chá.

A família Prestes - a mãe viúva, dona Leocádia, e os cinco filhos solteiros, Luís Carlos, Clotilde, Heloísa, Lúcia e Lígia - havia chegado a Moscou meses antes, em novembro de 1931. O capitão desembarcara no dia 7, durante as comemorações do 14.º aniversário da tomada do poder pelos bolcheviques. A mãe e as irmãs chegaram poucos dias depois: para despistar a polícia, a família dividira-se para sair de Montevidéu - ele embarcara no navio Eubée e, dois dias depois, os outros no Monte Sarmiento. Apesar do rosto liso, sem a barba e o bigode da época da Coluna, ele não conseguira passar incógnito pelas duas escalas brasileiras do navio, em Santos e no Rio. No primeiro porto, embarcaria o jornalista Oscar Pedrosa Horta, que o reconheceu mas manteve sigilo sobre a descoberta.

Quando o Monte Sarmiento escalou no Brasil, a polícia invadiu as cabines de dona Leocádia e das filhas, alertada pelo sobrenome amaldiçoado pelo governo. Não havia

o que fazer: o Eubée zarpara antes, levando a bordo Luís Carlos Prestes, com passaporte que o identificava como um pintor paraguaio.

Na União Soviética, Prestes logo foi contratado como engenheiro da Tzentratnij Soiuzstrvy, a entidade responsável pela fiscalização de todas as obras de construção civil no país. E ficou revoltado, em seu trabalho de fiscal de obras, com o grau de sabotagem de técnicos e engenheiros contra as obras do novo governo. A vida em Moscou era particularmente dura para a família. Prestes havia recusado as regalias oferecidas pelo governo soviético aos técnicos estrangeiros. tais como salário em dólares e permissão para fazer compras nas lojas privativas de estrangeiros, ele preferiu receber em rublos e viver como os milhões de russos.

Não era fácil. O primeiro plano quinquenal estava em vigor desde 1928 e para manter a estabilidade econômica quase tudo era racionado. Um dos invernos que a família passou em Moscou deu-lhes muito concretamente a medida dos problemas que o país atravessava: Heloísa, uma das irmãs de Prestes, de pequena estatura e calçando sapatos número 33, suportou temperaturas de até 50 graus abaixo de zero usando botas de neve número 40 - o único que havia em estoque. Essas dificuldades, no entanto, fizeram dona Leocádia, criada em família rica, apaixonar-se por aquele povo que ela chamava de "a verdadeira fortaleza soviética". Para ela, nenhum inimigo, por mais poderoso que fosse, conseguiria dominar um povo cujos trabalhadores chegaram a receber, como ração diária de alimento, 200 gramas de pão preto - e apesar disso trabalhavam com entusiasmo. Inúmeras vezes ela viu, numa cantina de fábrica perto de sua casa, operários trabalhando sob um frio glacial movidos a canecas de água quente, porque até o chá estava racionado.

O filho Luis Carlos - ou apenas Carlos, como o tratavam -, por seu lado, testemunhava os duríssimos processos de depuração do Partido Comunista, montados em assembleias públicas, dentro das próprias fábricas e centros de trabalho. Cada membro da direção local tinha que ir ao palanque e ali fazer sua autocrítica. Durante os expurgos, em que quase um milhão de militantes foram expulsos do PC, Prestes presenciou cenas terríveis em que militares de cabelos brancos choravam na tribuna durante as autocríticas. Era a política que levaria aos chamados "processos de Moscou", através dos quais seria eliminada a velha guarda bolchevique. Nas horas vagas, o capitão brasileiro comparecia a reuniões do PC ou a conferências de dirigentes comunistas latino-americanos. Foi num desses encontros na sede do Comintern que o dirigente Dmitri Manuilski e a veterana Elena Stasova, membro do Comité Central do PC desde o tempo de Lênin, falaram pela primeira vez a Prestes de uma jovem alemã chamada Olga Sinek, que fazia uma das mais vertiginosas carreiras dentro da juventude Comunista Internacional.

Os momentos de divertimento da família Prestes eram raríssimos, seja por falta de tempo, seja pelas dificuldades impostas a todos pelo racionamento. Contudo, no final de 1934, o próprio Manuilski mandou organizar uma festa no apartamento dos Prestes, a pretexto de comemorar a entrada de Luís Carlos no Partido Comunista brasileiro. A filiação ocorrera no mês de agosto - o mesmo Partido que o cortejara e em seguida o rejeitara havia sido obrigado a aceitá-lo após receber um curto telegrama de Moscou, assinado pelo secretário da III Internacional, Dmitri Manuilski, odenando que assim fosse feito. A comemoração, no entanto, aconteceria no dia 7 de novembro, aniversário da Revolução e dia em que se completavam três anos da chegada de Prestes a Moscou. O pequeno apartamento nas imediações do bulevar Sadova estava apinhado de amigos, as quatro filhas de dona Leocádia enfeitadas para a festa que contaria com a presença de ninguém menos que o próprio secretário do Comintern.

A certa altura os convidados se espantaram ao vê-lo, sim, ele, dirigente mundial dos

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Olga Fernando Moraes"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).